

operação red rabbit

tom clancy

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Danny O. e para os homens do Engine 52 e da Ladder 52

Os heróis são muitas vezes os homens mais comuns.

HENRY DAVID THOREAU

AGRADECIMENTOS

À Leanart, à Joni e ao Andy, por me terem segurado na mão por detrás da Velha Cortina e pelo curso intensivo em contrabando.

À Alex, é claro, por me ter segurado na outra o tempo todo. Ao Tom e à rapaziada do Palácio Real e Fortaleza de Sua Majestade. É difícil encontrar um ótimo grupo de homens assim, e um raro prazer descobri-lo.

Aos funcionários do corpo diplomático da Embaixada dos EUA em Budapeste, por terem lidado de um modo tão simpático com uma visita inesperada.

E ao Michael, à Melissa, ao Gilbert e à comandante Marsha, antecipando o seu excelente profissionalismo.

A coisa mais importante na vida humana é a arte
de ganhar a alma para o bem ou para o mal.

PITÁGORAS

Sem reconhecer os mandamentos celestes
é impossível ser-se um homem superior.

CONFÚCIO

PRÓLOGO

O JARDIM DAS TRASEIRAS

Jack decidiu que a parte que receava mais era guiar. Já comprara um *Jaguar* (que aqui se pronunciava *Jag-iu-á*, teria de se lembrar), porém, de ambas as vezes que se deslocara até à concessionária, tinha-se dirigido para a porta da frente à esquerda do automóvel, em vez de para a da direita. O negociante não se rira dele, mas Ryan tinha a certeza de que ele tivera vontade de o fazer. Pelo menos não se sentara no assento do passageiro, por engano, e não fizera figura de parvo. Teria de se lembrar de tudo isso: o lado «direito» da estrada era o *esquerdo*. Uma curva à direita faria com que ele se atravessasse no tráfego que vinha em sentido contrário, não uma curva à esquerda. A via da esquerda destinava-se às velocidades mais lentas nas interestaduais, *autoestradas*, corrigiu-se a si mesmo. As fichas elétricas nas paredes eram todas esquisitas. A casa não tinha aquecimento central, apesar do preço principesco que ele dera por ela. Não havia ar condicionado, ainda que o mesmo provavelmente não fosse necessário aqui. Não era dos climas mais quentes. Os habitantes começavam a cair para o lado nas ruas quando o termómetro marcava vinte e três graus centígrados. Jack perguntava-se o que é que o clima de Washington lhes faria. Claro estava que a expressão do passado acerca de «cães raivosos e ingleses» já não se aplicaria.

Mas poderia ter sido pior. Ele tinha um cartão para poder fazer compras no Serviço de Trocas do Exército e da Força Aérea, também conhecido por PX¹, na vizinha base de Greenham Commons, de modo que, pelo menos, teriam bons cachorros-quentes e marcas que se assemelhavam àquelas que ele comprava no Giant, junto à sua residência no Maryland.

Tantas outras notas discordantes. A televisão britânica era diferente, é claro, não que ele estivesse à espera de muitas oportunidades para vegetar diante do ecrã fosforoso, mas a pequena Sally precisava dos seus desenhos animados. Para além disso, mesmo quando se estava a ler algo importante, o ruído de fundo de qualquer programa desmiolado era reconfortante à sua maneira. Contudo, os noticiários televisivos não eram muito maus e os jornais eram particularmente bons... melhores do que aqueles que ele geralmente lia na sua zona. No entanto, de manhã, iria ter saudades do *Far Side*. Ryan esperava que talvez o *International Tribune* o tivesse. Ele poderia comprá-lo no quiosque da estação de comboio. De qualquer modo, teria de seguir o beisebol.

¹ Sigla para Post Exchange. (*N. do T.*)

O pessoal das mudanças, que aqui tinha um outro nome, estava a trabalhar no duro sob as ordens de Cathy. A casa não era má, embora fosse mais pequena do que a que eles tinham em Peregrine Cliff, arrendada agora a um coronel da Marinha que dava aulas aos dedicados rapazes e raparigas da Academia Naval. O quarto principal dava para o que parecia ser um jardim com mil metros quadrados. O agente imobiliário entusiasmara-se particularmente com isso. E os inquilinos prévios tinham investido nele muito tempo: havia rosas que cobriam as paredes, principalmente vermelhas e brancas, para honrar as Casas de Lancaster e York, segundo parecia. Havia outras, cor-de-rosa, entre elas, para mostrar que se tinham juntado para formar os Tudor, embora essa Casa tivesse morrido com Isabel I, tendo aberto caminho para uma nova série de membros da realeza de que Ryan tinha amplas razões para gostar.

E as condições atmosféricas não eram nada más. Estavam no país há três dias e ainda não chovera. O sol nascia muito cedo e punha-se tarde, e, no inverno, segundo o que ele ouvira dizer, nunca nascia e voltava a pôr-se de imediato. Algumas das amizades que ele fizera no Departamento de Estado tinham-no informado de que as longas noites poderiam ser difíceis para as crianças. Com quatro anos e seis meses, Sally ainda era uma delas. Jack, com cinco meses, talvez não se desse conta de tais coisas e, felizmente, dormia muito bem. Era o que estava a fazer agora, de facto, sob os cuidados da sua ama, Margaret van der Beek, uma jovem ruiva filha de um pastor metodista da África do Sul. Ela viera com excelentes recomendações, após ter sido aprovada através de um inquérito aos seus antecedentes, levado a cabo pela Polícia Metropolitana. Cathy estava um pouco preocupada com a hipótese de contratar uma ama. A ideia de outra pessoa educar o seu bebé incomodava-a, como ouvir unhas a rasparem num quadro de ardósia, mas era um costume local muito estimado e funcionara muito bem para um tal Winston Spencer Churchill. Miss Margaret fora recomendada através da agência de Sir Basil. Com efeito, a sua agência fora oficialmente autorizada pelo governo de Sua Majestade. O que nada queria dizer, pensou Jack. Ele fora muito bem informado durante as semanas antes da sua partida. A «oposição», um termo também usado em Langley, penetrara na comunidade da informação inglesa mais do que uma vez. A CIA acreditava que a mesma ainda o não tinha feito em Langley, mas Jack não estava bem certo disso. O KGB era muito bom e havia gente gananciosa por esse mundo fora. Os russos não pagavam muito bem, mas algumas pessoas vendiam a alma e a liberdade por uma tuta-e-meia. Também não andavam com um sinal luminoso na roupa a dizer **SOU UM TRAIADOR**.

De todas as suas sessões de informação, as mais cansativas tinham sido sobre segurança. O pai de Jack fora o polícia da família e o próprio filho nunca dominara bem essa maneira de pensar. Uma coisa era procurar dados concretos,

no meio da cascata de lixo que acabava sempre por vir ao de cima nos sistemas de informação; outra, olhar com suspeição para toda a gente no escritório e esperar, apesar de tudo, trabalhar cordialmente com todos eles. Perguntava-se se alguns dos outros também olhavam para ele do mesmo modo... *Talvez não*, acabou por decidir. Ele pagara o preço da pior maneira. Apesar de tudo, tinha as pálidas cicatrizes no ombro que o poderiam provar, já para não mencionar os pesadelos dessa noite, na baía de Chesapeake, os sonhos em que a sua arma nunca disparava, apesar de os seus esforços e gritos desesperados de terror e de inquietação a soarem-lhe nos ouvidos. Ganhara no entanto essa batalha, não ganhara? Por que razão os sonhos pensam o contrário? Algo para contar a um psiquiatra, talvez, mas, como diziam as velhas tradições, tinha de se ser doido para consultar um deles...

Sally estava a andar de um lado para o outro, a observar o seu novo quarto, a admirar a cama nova que o pessoal das mudanças estava a montar. Jack manteve-se fora do caminho. Cathy tinha-lhe dito que ele não prestava sequer para poder supervisionar esse tipo de trabalho, apesar da sua caixa de ferramentas, sem a qual nenhum homem americano se sentiria verdadeiramente viril, e que fora das primeiras coisas a serem desencanaçadas. O pessoal das mudanças tinha as suas próprias ferramentas, é claro, e também eles tinham sido investigados pelo Serviço Secreto de Informação britânico, não fosse algum agente controlado pelo KGB ter posto uma escuta na casa. Tal não seria aceitável, meu rapaz...

— Onde está o turista? — perguntou uma voz americana. Jack foi até à entrada para ver quem...

— Dan, meu amigo, como estás?

— Foi um dia muito aborrecido no escritório, de modo que eu e a Liz viemos ver como é que iam as coisas por aqui. — E, como seria de esperar, mesmo por detrás do assessor jurídico estava a sua mulher, essa rainha de beleza, a muito sofrida Santa Liz das Esposas do FBI. A Senhora Murray dirigiu-se a Cathy para a abraçar e beijar irmãmente e, em seguida, ambas saíram logo para o jardim. Cathy adorava as rosas, é claro, o que para Jack não era um problema. O seu pai fora portador de todos os genes de jardinagem da família Ryan, mas não passara nenhuns ao filho. Murray olhou atentamente para o amigo. — Estás com um péssimo aspeto.

— Um voo muito longo, com um livro aborrecido... — explicou Jack.

— Não dormiste durante a travessia? — perguntou Murray, surpreendido.

— Num avião? — retorquiu Ryan.

— Incomoda-te assim tanto?

— Dan, num barco conseguimos ver o que nos dá apoio. Não é o caso dos aviões.

Isso fez com que Murray desse uma gargalhada.

— É melhor que te vás habituando. Irás acumular uma série de milhas entre Washington e Dulles.

— Talvez. — Estranhamente, Jack não considerara esse facto quando aceitara o posto. *Estúpido*, dera-se conta tarde de mais. Ele iria fazer viagens para Langley pelo menos uma vez por mês, o que não era a coisa mais apetecível para quem não gostava de aviões.

— Está tudo bem com a mudança? Podes confiar nesta gente, não sei se sabes. O Basil usou-os ao longo de mais de vinte anos, os meus amigos na Scotland Yard também gostam deles. Metade destes tipos são antigos polícias. — E os polícias, se bem que ele não tivesse de o dizer, eram mais confiáveis do que os espões.

— Não há escutas na casa de banho? Ótimo — observou Ryan.

Durante a sua curta experiência, aprendera que a vida no Serviço de Informação era um pouco diferente de ensinar História na Academia Naval. *Haveria* provavelmente escutas, mas que comunicavam com o escritório de Basil...

— Pois. Também acho. As boas notícias são que me irás ver muitas vezes... se é que não te importas.

Ryan acenou cansadamente com a cabeça, tentando esboçar um sorriso.

— Bem, pelo menos tenho alguém com quem posso beber uma cerveja.

— É esse o desporto nacional. Fazem-se mais negócios nos bares do que no escritório. É a versão deles dos clubes de campo.

— A cerveja não é má.

— Melhor do que a espécie de mijo que se bebe na América. Quanto a isso não tenho dúvidas.

— Disseram-me em Langley que fazes muito serviço de informação para o Emil Jacobs.

— Algum — admitiu Murray, anuindo com um aceno de cabeça. — A verdade é que nós somos melhores a fazê-lo do que muitos de vocês da Agência. O pessoal de Operações ainda não se restabeleceu do que se passou em mil novecentos e setenta e sete, e não creio que isso venha a acontecer tão depressa.

Ryan teve de concordar.

— O almirante Greer também pensa assim. O Bob Ritter é muito esperto (talvez esperto de mais, se é que sabes até onde quero chegar), mas não tem amigos suficientes no Congresso para que o seu império se expanda como ele quer.

Greer era o analista-chefe da CIA, Ritter o vice-diretor de Operações. Os dois nem sempre se entendiam.

— Eles não confiam no Ritter como confiam no vice-diretor de Informação. Consequências da confusão causada pela Comissão Church, há dez anos. Sabes, o Senado parece que nunca se lembra de quem se encarregou dessas operações. Canonizaram o chefe e crucificaram as tropas que tentaram obedecer às suas

ordens, ainda que de um modo inapropriado. Que diabo, será que se tratava de...
— Murray estava à procura da palavra. — Os alemães chamam-lhe *schweineri*. Não existe uma tradução exata, mas, como sabes, soa ao que é.

Jack riu-se muito divertido.

— Pois, é melhor do que «erro gritante».

Os esforços da CIA para assassinar Fidel Castro, que tinham sido dirigidos pelo departamento do procurador-geral durante os tempos do Camelot, pareciam ter saído dos desenhos animados do Pica-Pau, com um cheirinho de *Os Três Estarolas*: políticos a tentarem imitar James Bond, uma personagem inventada por um espião britânico *falhado*. Os filmes realmente não eram a vida real, como Ryan aprendera da maneira mais difícil, primeiro em Londres e depois na sua própria sala de estar.

— Então, Dan, será que prestam para alguma coisa?

— Os britânicos? — Murray conduziu Ryan até ao jardim da frente. As pessoas das mudanças tinham sido aprovadas pelo Serviço Secreto, mas Murray pertencia ao FBI. — O Basil tem muita classe. É por isso que tem durado tanto tempo. Era um espião brilhante no terreno e foi o primeiro a ter uma má impressão de Philby e, não sei se sabes, o Basil nesse tempo era ainda um novato. É bom na administração, e tem o raciocínio mais ágil que alguma vez encontrei. Os políticos locais de ambos os lados do corredor gostam e confiam nele. Isso não é fácil. É um pouco como o Hoover foi para nós em tempos, mas sem aquela coisa do culto da personalidade. Eu gosto dele. Um fulano com quem se pode trabalhar. E o Basil gosta muito de ti, Jack.

— Porquê? — inquiriu este —, não fiz assim tanta coisa.

— O Basil tem um olho especial para o talento. Ele acha que tu tens o que é preciso. Adorou aquela coisa que engendraste no ano passado para detetar falhas de segurança, a «Armadilha para Canários»², e resgatar o seu próximo rei também acabou por contribuir, não sei se sabes. Vais ser um rapaz muito popular na Century House. Se conseguires manter a tua reputação, talvez tenhas uma hipótese no campo da espionagem.

— Ótimo. — Ryan, no entanto, ainda não tinha a certeza se era isso o que ele queria fazer. — Dan, eu sou um corretor da bolsa que se transformou num professor de História, lembra-te?

— Jack, isso já é água por baixo da ponte. Olha mas é para a frente. Tu eras ótimo a comprar ações na Merrill Lynch, não é verdade?

— Fiz algum dinheiro — admitiu Ryan. Na verdade fizera bastante dinheiro e o seu portefólio ainda estava a crescer. As pessoas estavam a engordar em Wall Street.

² Método para descobrir a fonte de uma fuga de informação. (N. do T.)

— Assim sendo, põe a tua inteligência a trabalhar em qualquer coisa bastante importante — sugeriu Dan. — Detesto ter de te dizer, Jack, mas não existe muita gente inteligente na comunidade dos serviços de informação. Sei-o bem. Trabalho lá. Muitos espertalhões, muitos indivíduos com uma inteligência moderada, mas muito poucas estrelas, meu amigo. Tu tens estofo para poderes ser uma estrela. O Jim Greer pensa o mesmo, tal como o Basil. Tu sabes pensar fora da caixa. Eu também. É por isso que já não ando atrás de assaltantes de bancos no Riverside, em Filadélfia. Mas nunca ganhei milhões na bolsa.

— Ter sorte não faz de ti um grande homem, Dan. Meu Deus, o pai da Cathy, o Joe, ganhou muito mais do que eu alguma vez poderia ambicionar, e ele é um arrogante filho da puta, muito opinioso.

— Ora bem, tu fizeste da sua filha a mulher de um cavaleiro da grã-cruz, não é verdade?

Jack sorriu, timidamente.

— Sim, creio que sim.

— Isso irá abrir aqui muitas portas, Jack. Os britânicos gostam dos seus títulos. — Ele fez uma pausa. — Ora bem, como é que vos posso arrastar para irmos beber uma caneca de cerveja? Há um bom bar no topo da colina, o Gipsy Moth. Esta mudança ainda vai dar com vocês em doidos. É quase tão terrível como construir uma casa.

O SEU ESCRITÓRIO FICAVA NA PRIMEIRA CAVE DO CENTRO³, UMA MEDIDA DE SEGURANÇA que nunca lhe fora explicada, mas havia de facto um outro equivalente na sede do Inimigo Principal. Lá, chamavam-lhe MERCÚRIO, o mensageiro dos deuses, muito apropriado se o seu país reconhecesse o conceito de deus. As mensagens passadas através do código e da cifra dos funcionários chegavam à sua secretária e ele examinava-lhes o conteúdo e as palavras codificadas, antes de as enviar para as secções apropriadas e para os oficiais devidamente responsáveis. Em seguida, quando essas mesmas mensagens lhe chegavam de novo, ele enviava-as para outro lado. Esse tráfego tornara-se uma rotina regular; de manhã as mensagens chegavam e à tarde partiam. A parte mais aborrecida era, como seria de esperar, encriptá-las, dado que muitas das pessoas que se encontravam no terreno usavam blocos de notas específicos que só eram utilizados uma vez. As únicas cópias desses mesmos blocos encontravam-se numa série de divisões à sua direita. Os funcionários que aí se encontravam transmitiam e guardavam segredos que iam das vidas sexuais dos parlamentares italianos à hierarquia de alvos dos ataques nucleares americanos.

Por estranho que pudesse parecer, nenhum deles falava acerca do que fazia

³ Referência à sede do KGB no centro de Moscovo. (N. do T.)

ou do que encriptava, quer das coisas que chegavam, quer das que eram enviadas. Os funcionários não tinham grandes cabeças. Talvez fossem recrutados com base em tais características psicológicas, algo que não o surpreendia. Se alguém pudesse alguma vez construir tais robôs, de certeza que já os teriam arranjado, porque poderíamos acreditar em máquinas para não divergirem nem se desviarem muito do caminho pretendido.

Contudo, as máquinas não conseguiam pensar e, para o seu trabalho específico, pensar e ser capaz de se lembrar eram coisas úteis para que a Agência funcionasse, o que tinha de acontecer. Tratava-se do escudo e da espada de um Estado que precisava dos dois. E ele era uma espécie de chefe dos correios. Tinha de se lembrar do que ia para onde. Não sabia de tudo o que lá se passava, mas sabia bem mais do que a maioria das pessoas no edifício: nomes e lugares de operações, muitas vezes missões operacionais e tarefas. Geralmente não conhecia os verdadeiros nomes e os rostos do pessoal no terreno, mas conhecia os seus alvos, os nomes de código dos seus agentes recrutados e, na maior parte dos casos, o que esses agentes forneciam.

Ele estava aqui, neste departamento, há nove anos e meio. Começara em 1973, logo após ter completado, na Universidade Estatal de Moscovo, uma licenciatura em Matemática. A sua mente altamente disciplinada chamara desde logo a atenção de um caçador de talentos do KGB. Ele era muito bom nos jogos de xadrez, e isso, supunha ele, estava na base do seu treino de memória, de todos os estudos acerca dos jogos dos grandes mestres, para que numa dada situação ele soubesse qual seria a sua próxima jogada. Ele até pensara fazer do xadrez uma carreira, porém, embora estudasse com afinco, parecia não ter sido o suficiente. Boris Spassky, que à época era ele próprio um jovem jogador, tinha-o derrotado em seis jogos em que ele apenas ganhara um, com duas jogadas desesperadas, tendo tal posto fim às suas esperanças de fama e fortuna... e viagens. Ele suspirava sentado à secretária. Viajar... Também estudara os livros de Geografia e, ao fechar os olhos, podia ver as imagens, quase todas a preto e branco: o Grande Canal em Veneza, a Regent Street em Londres, a magnífica praia de Copacabana no Rio de Janeiro, a encosta do monte Evereste, que Hillary escalara quando ele ainda estava a aprender a andar... todos os lugares que nunca iria ver. Ele não. Não uma pessoa com o seu tipo de acessos e certificação de segurança. Não, o KGB era muito cuidadoso com essas pessoas. Não confiava em ninguém, uma lição que lhe custara bem caro. Que havia no seu país para que tanta gente quisesse fugir dele? E, no entanto, tantos milhões tinham morrido a lutar pela Rodina⁴... Ele fora dispensado do serviço militar devido ao seu potencial na matemática e no xadrez, e depois, supunha ele, devido ao seu recrutamento para o n.º 2 da praça Dzerjinsky. Com

⁴ «Pátria», em russo. (*N. do T.*)

isso, viera um belo apartamento, com uns bons setenta e cinco metros quadrados, num prédio recém-construído. Também uma patente militar. Tornara-se capitão a poucas semanas da sua maioridade, o que, de um modo geral, não era nada mau. Melhor ainda, começara agora a ser pago em rublos certificados, de modo que poderia comprar bens de consumo ocidentais em lojas «vedadas» e, o que era ainda mais agradável, com pequenas filas. A mulher dele apreciava esse facto. Em breve estaria no nível de entrada da *nomenklatura*, como um pequeno príncipe czarista, a olhar para o topo do escadote para ver até onde poderia trepar. Não obstante, ao contrário dos czares, ele estava ali não por uma questão de sangue mas por mérito, um facto que agradava à sua virilidade, pensava o capitão Zaitzev.

Sim, ele lutara para ali chegar, o que era importante. Era por isso que confiavam nele no que dizia respeito a segredos, a este, por exemplo: um agente, cujo nome de código era CASSIUS, um americano que vivia em Washington, parecia ter acesso a valiosa informação política, preciosa para o pessoal do quinto andar, que, muitas vezes, era passada a especialistas no Instituto de Estudos Americanos e Canadianos, que estudava as folhas de chá na América. O Canadá não era muito importante para o KGB, exceto pela sua participação nos sistemas aéreos de defesa americanos e devido ao facto de os seus políticos mais velhos não gostarem do seu poderoso vizinho a sul, ou assim o seu *rezident* em Otava contava regularmente aos seus superiores nos andares de cima. Zaitzev refletia sobre isso. Os polacos poderiam também não gostar do seu vizinho a leste, mas faziam geralmente o que lhes era pedido, relatara o *rezident* em Varsóvia, com um prazer não disfarçado, no seu envio do mês prévio, como essa cabeça tonta do sindicato verificara para seu incómodo. «Lixo contrarrevolucionário» fora o termo usado pelo coronel Igor Alekseyevitch Tomachevskiy. Pensava-se que esse coronel era uma estrela em ascensão, visto ter sido colocado no Ocidente. Era para aí que iam os bons.

A QUATRO QUILÓMETROS, DO OUTRO LADO DA CIDADE, ED FOLEY FOI O PRIMEIRO a chegar à porta, a sua mulher, Mary Patricia, mesmo atrás dele, com Eddie pela mão. Os olhos azuis e jovens de Eddie estavam muito abertos, com uma curiosidade infantil, contudo, mesmo agora, a criança com quatro anos e meio estava a perceber que Moscovo não era a Disneylândia. O choque cultural estava prestes a atingi-lo como o martelo de Thor, mas iria expandir um pouco os seus horizontes, segundo os pais pensavam, tal como os deles.

— Ora bem — disse Ed Foley quando olhou para dentro. Um oficial consular da embaixada vivera ali antes deles. E, pelo menos, fizera um esforço para limpar a casa, sem dúvida com o auxílio de uma empregada doméstica russa. O governo soviético fornecia-as e elas eram muito diligentes... para ambos os patrões. Ed e

Mary Pat tinham sido muito bem informados durante semanas, não, meses, antes de terem apanhado o longo voo da Pan Am do aeroporto JFK até Moscovo.

— Então esta é a nossa casa — observou Ed, com uma voz neutra estudada.

— Bem-vindos a Moscovo — disse Mike Barnes aos novatos. Este era outro oficial consular, ligado ao Serviço dos Negócios Estrangeiros, que estava a subir na carreira e cujo dever dessa semana era ser o responsável da embaixada por dar as boas-vindas aos recém-chegados. — O último ocupante foi o Charlie Wooster. Uma boa pessoa que está de volta a Foggy Bottom a desfrutar do calor do verão.

— Como são os verões aqui? — perguntou Mary Pat.

— Um pouco como em Mineápolis — respondeu Barnes. — Não muito quentes, a humidade também não é muito má e os invernos não são tão rigorosos... Eu fui criado em Mineápolis — explicou ele. — É claro, o Exército alemão talvez não concorde, ou Napoleão, mas, enfim, ninguém alguma vez disse que Moscovo deveria ser como Paris, não é verdade?

— Sim, falaram-me da vida noturna — disse Ed, com uma gargalhada. Para ele estava bem. Eles não precisavam de um chefe de posto em Paris e esta era a maior e mais apetecível nomeação que ele alguma vez esperara alcançar. Talvez a Bulgária, mas não o próprio ventre do monstro. Bob Ritter deveria ter ficado muito impressionado com a sua estada em Teerão. Ainda bem que Mary Pat dera Eddie à luz no momento exato. Eles tinham perdido a mudança de governo no Irão por... talvez três semanas? Fora uma gravidez difícil e o médico de Mary Pat insistira em que eles regressassem a Nova Iorque para o parto. As crianças eram uma dádiva de Deus, sem dúvida... Para além disso, também fizera de Eddie um nova-iorquino e Ed quisera, com todo o afincado, que o seu filho fosse um devoto dos Yankees e dos Rangers, desde a nascença. As melhores notícias acerca desta nomeação, para lá das questões de ordem profissional, eram que ele iria ver o melhor hóquei no gelo do mundo, mesmo ali, em Moscovo. Que se lixasse o *ballet* e os concertos. Aqueles cabrões sabiam patinar. Pena era que os russos não percebessem nada de beisebol. Talvez fosse demasiado sofisticado para os *mujiks*⁵, terem de escolher entre todo o tipo de lançamentos...

— Não é lá muito grande — observou Mary Pat, olhando para uma janela rachada. Estavam no sexto andar. Pelo menos o ruído do trânsito não seria muito incomodativo. A residência para estrangeiros, o gueto, estava bem murado e guardado. Por uma questão de proteção, insistiam os russos. Porém, o crime de rua no que dizia respeito a estrangeiros não era um problema em Moscovo. O cidadão russo comum estava proibido de ter moeda estrangeira na sua posse e, de qualquer forma, não teria um modo conveniente de a gastar. Assim, não lucravam muito em assaltar um americano ou um francês na rua, e não havia

⁵ Camponeses da Rússia, em russo. (*N. do T.*)

como não reparar neles, as roupas distinguiam-nos como se fossem pavões entre um bando de corvos.

— Bom dia. — Tratava-se de um sotaque inglês. O rosto corado apareceu momentos depois. — Somos os vossos vizinhos, o Nigel e a Penny Haydock — disse o dono do rosto. Ele deveria ter uns quarenta e cinco anos, era alto e magro, com um cabelo prematuramente grisalho que já começara a cair. A sua mulher, mais jovem e mais bonita do que ele provavelmente merecia, surgiu um instante depois, com uma travessa de sandes e uma garrafa de vinho branco de boas-vindas.

— Tu deves ser o Eddie — observou a Senhora Haydock, com o seu cabelo de um louro quase branco. Foi então que Ed Foley reparou no vestido de mamã. Pelo que parecia, deveria estar grávida de seis meses. Assim sendo, a informação estava completamente certa. Foley confiava na CIA, no entanto aprendera à sua custa a verificar tudo, desde os nomes das pessoas que viviam no mesmo andar, ao facto de o autoclismo funcionar bem. *Especialmente em Moscovo*, pensou ele, dirigindo-se para a casa de banho. Nigel seguiu-o.

— A canalização funciona bem aqui, mas faz muito barulho. Ninguém se queixa — explicou Haydock.

Ed Foley rodou o puxador e, como seria de esperar, ouviu-se um certo ruído.

— Eu próprio o arranjei. Dedico-me um pouco à *bricolage*, não sei se estás a ver. — Em seguida, com uma voz mais baixa, continuou: — Tem cuidado com o sítio onde falas nesta casa, Ed. Há escutas por todo o lado, especialmente nos quartos. Os sacanas dos russos gostam de contar os nossos orgasmos, segundo parece, eu e a Penny tentamos não os desapontar. — Um sorriso malicioso. — Bem, para algumas cidades, trazemos a nossa própria vida noturna.

— Já estás aqui há dois anos? — O autoclismo parecia não parar. Foley sentiu-se tentado a levantar-lhe a tampa para ver se Haydock substituía o mecanismo lá dentro por algo especial. Decidiu que não teria de ver para o verificar.

— Vinte e nove meses. Mais sete até ao final. É um sítio muito animado para se trabalhar. Tenho a certeza de que te disseram que, para onde quer que vás, poderás contar com um «amigo». Também não os subestime. Os fulanos da Segunda Direção estão muito bem treinados... — O autoclismo parou, e Haydock mudou o tom de voz. — No duche... a água quente geralmente não falha, mas o cano do chuveiro chocalha um pouco, como o do nosso apartamento... — Ele abriu a torneira para o demonstrar. De facto, chocalhava. *Será que alguém perfurara a parede para tentar soltá-lo?*, pensou Ed. Provavelmente. Talvez tivesse sido aquele homem muito dado à *bricolage* que estava com ele.

— Ótimo.

— Sim, poderás fazer muito trabalho aqui. Partilhar o duche com alguém e poupar água... não é isso que eles dizem na Califórnia?

Foley conseguiu dar a sua primeira gargalhada em Moscovo.

— Sim, é isso mesmo que eles dizem. — Olhou para o seu visitante. Estava surpreendido pelo facto de Haydock se ter apresentado tão cedo, mas talvez estivesse a despistar um inglês ao ser tão óbvio. O ramo da espionagem tinha toda a espécie de modos e regras, e os russos gostavam de segui-las. De modo que Bob Ritter lhe dissera para deitar fora *parte* do livro das regras:

— Mantenha-se fiel à sua missão secreta e seja um americano parvo e imprevisível, sempre que puder. — Também dissera aos Foleys que Nigel Haydock era alguém em quem eles poderiam confiar. Tratava-se do filho de outro funcionário de Informação, um homem traído pelo próprio Kim Philby, um dos pobres diabos que caíra de paraquedas na Albânia para os braços do comité de receção do KGB, que o esperava. Nessa altura, Nigel tinha cinco anos, o suficiente para se lembrar sempre do que era perder o pai às mãos de um inimigo. A motivação de Nigel era provavelmente tão boa como a de Mary Pat, o que significava que era ótima. Melhor talvez do que a sua, talvez admitisse Foley após umas quantas bebidas. Mary Pat odiava os sacanas dos comunistas como o Deus Todo-Poderoso odiava o pecado. Haydock não era ali o chefe de posto, mas o detetive principal da operação dos Serviços Secretos britânicos em Moscovo, o que fazia dele uma pessoa importante. O diretor da CIA, o juiz Moore, confiava nos britânicos: depois de Philby, ele vira-os percorrer os seus próprios Serviços Secretos com um lança-chamas mais intenso do que a cana de pesca à mosca do James Jesus Angleton,⁶ para cauterizar qualquer possível fuga. Por sua vez, Foley confiava no juiz Moore, tal como o presidente. Essa era a parte mais louca do ramo da informação: não se podia confiar em *ninguém*... mas tinha de se confiar em *alguém*.

Bem, pensou Foley, experimentando a água quente com a mão, *ninguém me disse que este ramo de atividade faria muito sentido*. Tal como a metafísica clássica, existia simplesmente.

— Quando é que a mobília cá chega?

— O contentor deve estar agora numa camioneta em Leninegrado. Será que o irão investigar?

Haydock encolheu os ombros.

— Revista tudo — avisou ele, e depois, com um tom de voz mais suave: — Nunca se sabe até onde eles poderão ir, Edward. O KGB é uma burocracia dos diabos... Tu não conheces o significado da palavra até a teres visto aqui em ação. Por exemplo, as escutas no teu apartamento... quantas é que estarão realmente a funcionar? Eles não são a British Telecom nem a AT&T. É, de facto, a maldição deste país, mas funciona para nós. No entanto, mesmo isso é algo em que não podemos confiar. Quando se é seguido nunca sabemos se se trata de um especialista

⁶ Chefe da contrainformação da CIA, de 1954 a 1975. (*N. do T.*)

cheio de experiência ou de um inepto que não é capaz de descobrir o caminho para a casa de banho. Eles têm todos o mesmo aspeto e vestem-se da mesma maneira. Vendo bem, tal como nós, mas a burocracia deles é tão extensa que existe uma maior hipótese de poder proteger os incompetentes... ou talvez não. Só Deus sabe como na Century House temos a nossa própria dose de maus funcionários.

Foley assentiu com um aceno de cabeça.

— Em Langley chamamos-lhes a Direção de Informação.

— Pois. Nós chamamos aos nossos o palácio de Westminster — observou Haydock, com o seu preconceito favorito. — Creio que já tentámos examinar convenientemente a canalização. — Foley fechou a torneira e os dois homens voltaram à sala, onde Penny e Mary Pat estavam a tentar conhecer-se melhor.

— Pois bem, querida, temos água quente de sobra.

— Ainda bem que assim é — retorquiu Mary Pat. Ela voltou-se para a mulher que a viera visitar. — Onde é que aqui costuma ir às compras?

Penny Haydock sorriu.

— Posso levá-la lá para artigos especiais, podemos fazer encomendas a partir de uma agência em Helsínquia, coisas de excelente qualidade: inglesas, francesas, alemãs... até americanas, para artigos como sumos e comida enlatada. A comida fresca é finlandesa e é geralmente boa, especialmente a carne de borrego. Eles não têm um ótimo borrego, Nigel?

— De facto têm... tão bom como o da Nova Zelândia — concordou o marido.

— Os bifés já não são tão bons — disse-lhes Mike Barnes —, mas todas as semanas temos bifés que chegam de avião de Omaha, montes deles... distribuímo-los por todos os nossos amigos.

— Isso é verdade — confirmou Nigel. — O vosso gado alimentado a milho é excelente. Receio que nos tenhamos já todos viciados nele.

— Ainda bem que existe a Força Aérea dos EUA — continuou Barnes. — Eles transportam a carne de vaca para todas as bases da NATO, e nós estamos na lista de distribuição. Os bifés vêm congelados, não são tão bons como os frescos, no Delmonico, mas são o suficiente para nos lembrarem da nossa terra. Espero que vocês tenham comprado um grelhador para churrascos. Nós costumamos levá-lo para o telhado, para cozinhar. Também importamos carvão. O Ivan não consegue perceber isso. — O apartamento não tinha varanda, talvez para os proteger do cheiro a gasóleo que estava impregnado por toda a cidade.

— Como é que se vai para o trabalho? — inquiriu Foley.

— É melhor apanhar o metro, que é ótimo — disse-lhe Barnes.

— Vais deixar-me o carro? — perguntou Mary Pat, com um sorriso expectante. Tudo estava a correr de acordo com o plano. Era de esperar. Porém, tudo o que corria bem naquele ramo surgia como algo semelhante a uma surpresa, como

o presente apropriado sob a árvore natalícia. Esperava-se sempre que o Pai Natal tivesse recebido a carta, mas nunca se tinha a certeza.

— É melhor aprender a guiar nesta cidade — opinou Barnes. — Pelo menos tem um bom carro. — O residente prévio do apartamento deixara para trás um *Mercedes* 280 para eles usarem, que era, de facto, um belo automóvel. Na verdade, um pouco belo de mais por ter apenas quatro anos. Não que houvesse muitos carros em Moscovo, e a matrícula iria decerto assinalá-lo como pertencendo a um diplomata americano, logo, fácil de saltar aos olhos de qualquer polícia de trânsito e dos funcionários na viatura do KGB que o seguiriam para a maioria dos sítios para onde fosse. Mais uma vez era um truque para apanhar os ingleses. Mary Pat teria de aprender a guiar como uma residente de Mineápolis durante a sua primeira viagem a Nova Iorque. — As ruas são bonitas e largas — disse-lhe Barnes — e a estação de gasolina fica apenas a três quarteirões — fez notar. — É enorme. Os russos gostam de as construir assim.

— Muito bem — observou ela, para grande agrado de Barnes, assumindo já o seu disfarce de loura bonitinha e desmiolada. Em todo o lado, as bonitinhas eram vistas como sendo as mais estúpidas, sobretudo as louras. Apesar de tudo, era muito mais fácil assumir o papel de parva do que o de uma mulher inteligente, não obstante os atores de Hollywood.

— E as reparações mecânicas do carro? — perguntou Ed.

— É um *Mercedes*. Não se avariaram muito — assegurou-lhes Barnes. — A Embaixada da Alemanha tem um indivíduo que consegue reparar tudo o que se avarie. Temos relações cordiais com os nossos aliados da NATO. Vocês gostam de futebol?

— É um jogo para meninas — retrucou Foley, de imediato.

— Isso não é nada simpático da tua parte — rebateu Nigel Haydock.

— Deem-me sempre futebol americano — ripostou Foley.

— Trata-se de um estúpido de um jogo primitivo, cheio de violência e de encontros de comités — observou o britânico.

Foley sorriu.

— Vamos comer.

Sentaram-se. A mobília temporária era adequada, algo que se poderia encontrar num motel vulgaríssimo no Alabama. Podia dormir-se na cama e o inseticida matara provavelmente todas as coisas rastejantes. Provavelmente.

As sandes eram boas. Mary Pat foi buscar copos e abriu a torneira...

— Não a recomendo muito, Senhora Foley — avisou Nigel. — Há pessoas que se queixam do estômago devido à água da torneira...

— Oh... — Ela interrompeu o que estava a fazer. — E eu chamo-me Mary Pat, Nigel.

Agora já tinham sido devidamente apresentados.

— Sim, Mary Pat, nós preferimos beber água engarrafada. A água da torneira presta para tomar banho e podemos fervê-la em quantidades moderadas para fazer chá ou café.

— É mesmo pior do que a de Leninegrado — alertou Nigel. — Os residentes são mais ou menos imunes, segundo me dizem, mas nós, estrangeiros, podemos ter severos problemas gastrointestinais.

— E as escolas? — Mary Pat tinha estado preocupada acerca delas.

— A escola americano-britânica toma bem conta das crianças — prometeu-lhe Penny Haydock. — Eu trabalho lá a tempo parcial e o programa académico é excelente.

— O Eddie já está a começar a ler, não está, querida? — anunciou o pai orgulhoso.

— Apenas o *Pedrito Coelho* e esse género de coisas, o que não é nada mau para quatro anos — confirmou uma mãe satisfeita. No que lhe dizia respeito, Eddie descobrira o prato das sandes e estava a mastigar qualquer coisa. Não era a sua tão preferida mortadela, mas uma criança com fome nem sempre é exigente. Havia também quatro frascos de manteiga de amendoim com pedaços, da marca *Skippy*, guardados num lugar seguro. Os pais pensaram que podiam encontrar geleia de uva em qualquer lado, mas não a *Skippy*. O pão local, segundo o que todos diziam, era decente, ainda que não fosse o *Wonder Bread* que as crianças comiam geralmente. E Mary Pat tinha uma máquina de fazer pão no seu contentor, agora numa camioneta ou num comboio entre Leninegrado e Moscovo. Era uma boa cozinheira, e uma verdadeira artista a fazer pão, esperando que esse facto lhe facilitasse a entrada no grupo social da embaixada.

NÃO MUITO LONGE DE ONDE ELES SE ENCONTRAVAM, UMA CARTA MUDOU DE mãos. Quem a entregou era de Varsóvia e fora enviada pelo seu governo... na verdade, por uma agência do seu governo para uma agência do governo a que se destinava. O mensageiro não estava muito satisfeito com a sua missão. Ele era comunista, teria de o ser para lhe confiarem essa tarefa, contudo, também era polaco, tal como o assunto da mensagem e da missão. E isso incomodava-o.

A mensagem era, de facto, uma fotocópia do original, que fora entregue em mão a um departamento bastante importante em Varsóvia, apenas há três dias.

O mensageiro, um coronel bem colocado no Serviço de Informação do seu país, era conhecido pessoalmente pelo destinatário, de vista, senão especialmente por afeição. Os russos usavam os seus vizinhos ocidentais para muitas tarefas. Os

polacos tinham muito talento para as operações de informação, pela mesma razão que os israelitas: estavam rodeados de inimigos. A oeste havia a Alemanha e a leste a União Soviética. As infelizes circunstâncias que tinham envolvido ambos os países tinham resultado no facto de a Polónia ter posto os seus melhores homens, e os mais inteligentes, no ramo da informação.

O destinatário estava ao corrente de tudo isso. Efetivamente, ele já conhecia o conteúdo da mensagem, palavra por palavra. Conhecera-o no dia anterior. Contudo, não o surpreendia o atraso. O governo polaco reservara esse dia para considerar o seu teor antes de enviá-la, e o destinatário não se melindrou. Cada governo no mundo tirava pelo menos um dia para examinar tais coisas. Fazia parte da natureza dos homens, em posições de poder, atardarem-se em pormenores e hesitarem, ainda que soubessem que esse atraso era uma completa perda de tempo. Até mesmo o marxismo-leninismo não poderia alterar a natureza humana. Era triste, mas era verdade. O Novo Homem Soviético, tal como o Novo Homem Polaco, era, vistas bem as coisas, apenas um homem.

O *ballet* que agora se estava a desenrolar era tão estilizado como qualquer um exibido pela companhia Kirov em Leninegrado. O destinatário chegava a imaginar ouvir-lhe a música. Na verdade, preferia o jazz do Ocidente à música clássica. Não obstante, de qualquer modo, a música no *ballet* era apenas um ornamento, o sistema que avisava os dançarinos para saltarem juntos como belos cães amestrados. As bailarinas eram demasiado magras para o gosto russo, é claro, mas as verdadeiras mulheres eram por de mais pesadas para poderem ser erguidas no ar por aqueles lingrinhas a quem chamavam homens.

Por que motivo não se conseguia concentrar? Voltou a sentar-se, recostando-se vagarosamente na cadeira de couro ao desdobrar a carta. Estava escrita em polaco, mas, apensa à mesma, encontrava-se uma tradução em bom russo. É óbvio que ele teria os seus próprios tradutores a examinar a mensagem, mais três ou quatro psiquiatras para considerarem o estado mental de quem a escrevera e para comporem uma análise com várias páginas que ele teria de ler, apesar da possível perda de tempo que isso implicaria. Em seguida, teria de escrever um relatório sobre a mesma e enviar aos seus superiores políticos (não, aos seus *colegas* políticos) todos os conhecimentos adicionais, de modo que estes pudessem perder *o seu* tempo a lerem a mensagem e as suas implicações, antes de considerarem o que fazer dela.

O diretor perguntava-se se aquele coronel polaco teria conhecimento de como os seus chefes políticos tinham tido uma vida fácil. No final, tudo o que eles teriam tido de fazer era enviá-la aos seus próprios mestres políticos para que estes agissem, atirando a responsabilidade da decisão para os homens do topo, tal como todos os funcionários do governo faziam, independentemente do lugar ou da filosofia. Os vassalos eram sempre vassalos em todo o lado.

O diretor levantou os olhos para olhar para ele.

— Camarada coronel, obrigado por me ter chamado a atenção para esta carta. Por favor, dê os meus cumprimentos ao seu comandante. Dispensado.

O polaco pôs-se em sentido, fez continência de um modo curiosamente polaco, manobrou no seu melhor na direção contrária e dirigiu-se para a porta.

Yuriy Andropov viu a porta a fechar-se antes de voltar a focar a sua atenção na mensagem e na sua tradução apensa.

— Com que então, Karol, estás a ameaçar-nos, não é verdade? — Fez um estalido com a língua e abanou a cabeça, antes de continuar tão calmamente como antes. — És corajoso, mas as tuas opiniões precisam de ser ajustadas, meu camarada clerical.

Voltou a erguer os olhos, pensativo. O escritório tinha as usuais obras de arte a cobrirem as paredes e, pela mesma razão do que em qualquer outro escritório, para evitar o vazio. Duas eram pinturas a óleo de mestres renascentistas, emprestadas de uma coleção de algum czar, ou nobre, há muito falecido. Uma terceira era um retrato, por acaso bastante aceitável, de Lenine, com a sua pele pálida e a testa alta conhecida por milhões de pessoas em todo o mundo. Uma fotografia bem encaixilhada de Leonid Brejnev, o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, estava pendurada não muito longe. A fotografia era uma mentira, uma imagem de um homem jovem e vigoroso, não do velho senil que agora se sentava à cabeceira da mesa do Politburo. Bem, todos os homens envelheciam, mas, na maioria dos países, esses homens deixavam os seus empregos e optavam por uma reforma honrosa. Mas não no seu país, deu-se conta Andropov... antes de voltar a olhar para a carta. E não aquele homem. Aquele posto também era vitalício.

Mas estava a ameaçar mudar parte da equação, pensava o diretor do Comité para a Segurança do Estado. E o perigo estava aí.

Perigo?

As consequências eram desconhecidas e isso era perigo suficiente. Os seus colegas do Politburo vê-lo-iam do mesmo modo, dado que eram homens envelhecidos, cautelosos e assustados.

Assim sendo, não teria tão-só de relatar o perigo, teria também de apresentar um meio de lidar efetivamente com ele.

Os retratos que agora deveriam estar na sua parede eram os de dois homens semiesquecidos. Um deles seria o do *Félix de Ferro*... o próprio Dzerjinsky, o fundador da Checa, o antecessor do KGB.

O outro deveria ser o de Iossif Vissarionovitch Estaline. O líder fizera em tempos uma pergunta que era relevante para a situação concreta com que Andropov se deparava presentemente. Nesse tempo estavam em 1944. Agora... talvez fosse ainda mais relevante.

Bem, era uma incógnita. E ele seria o homem para proceder a tal determinação, disse Andropov para si mesmo. Todos os homens poderiam desaparecer. O pensamento deveria tê-lo surpreendido quando lhe surgiu na cabeça, mas não foi esse o caso. Aquele edifício, construído oitenta anos antes para ser a sede palaciana da Companhia de Seguros Rossiya, vira já muitas coisas semelhantes, e os seus habitantes tinham promulgado ordens para infligir muitas, muitas mais mortes. Costumavam ter execuções na cave. Tinham acabado com elas apenas alguns anos antes, quando o KGB se expandira para abarcar todo o espaço, mesmo nessa enorme estrutura — e outro na estrada que formava um anel em torno da cidade —, mas o pessoal das limpezas murmurava ocasionalmente acerca dos fantasmas que se viam no silêncio noturno, por vezes assustando a velha mulher da limpeza com os seus baldes e escovas e com o cabelo semelhante ao das bruxas. O governo deste país não acreditava em coisas como espíritos e fantasmas, tal como não acreditava na alma imortal dos homens, mas verem-se livres das superstições dos camponeses simples era uma tarefa mais difícil do que pôr a *intelligentsia* a comprar os volumosos escritos de Vladimir Ilyitch Lenine, de Karl Marx, ou de Friedrich Engels, já para não mencionarmos a prosa túrgida de Estaline (na verdade escrita por um comité formado por homens assustados, e ainda pior por isso mesmo), que, abençoadamente, já não era muito procurada, exceto pelos intelectuais mais masoquistas.

Não, disse Yuriy Vladimirovitch para consigo, *pôr as pessoas a acreditar no marxismo não era assim tão difícil*. Primeiro, martelavam-lhes a cabeça nas escolas, nos Jovens Pioneiros e nos liceus, e nos *komsomolets*, a Liga dos Jovens Comunistas. Em seguida, os mais espertos tornavam-se membros permanentes do Partido, mantendo os cartões do mesmo «encostados ao coração», nos bolsos das camisas para cigarros.

Mas, por essa altura, já estavam mais bem informados. Os membros politicamente conscientes professavam a sua crença nos encontros do Partido, pois tinham de o fazer para avançarem nas suas carreiras. Do mesmo modo que os cortesãos espertos no Egito faraónico se ajoelhavam e protegiam os olhos do rosto de onde emanava uma luz brilhante, não fossem ficar cegos... Levantavam as mãos porque no faraó, na pessoa do deus vivo, havia poder pessoal e prosperidade, de modo que ajoelhavam em obediência, renegando dos seus sentidos e sensibilidade para subirem na vida. O mesmo se passava aqui. Cinco mil anos, não era? Ele poderia verificá-lo num livro de História. A União Soviética produzia alguns dos historiadores medievais mais famosos do mundo e, sem dúvida, também alguns dos estudiosos da Antiguidade, pois essa era uma área académica onde a política não era muito importante. Os factos do Egito Antigo eram por demais distantes da realidade contemporânea para serem relevantes para uma

especulação filosófica acerca de Marx ou das infinitas divagações de Lenine. De modo que alguns ótimos académicos tinham optado por essa área. Um número maior dedicara-se às ciências puras, porque estas eram precisamente ciências puras e um átomo de hidrogénio não tinha orientação política.

Contudo, esse não era o caso da agricultura nem da manufatura. De modo que os melhores e mais inteligentes se mantinham longe desses ramos, optando, em vez disso, por estudos políticos. Porque neles era fácil encontrar o sucesso. Não tinham de acreditar neles mais do que acreditavam que Ramsés II era o filho vivo do deus sol, fosse qual fosse o diabo de deus de que ele teria despontado. Em vez disso, pensava Yuriy Vladimirovitch, os cortesãos viam que Ramsés tinha numerosas mulheres, e até uma progeneritura ainda mais numerosa, o que, de um modo geral, não era uma vida nada má para um indivíduo. O equivalente clássico de uma *dacha* nas colinas de Lenine e verões na praia, em Sotchi. Assim sendo, será que o mundo mudara mesmo?

Talvez não, decidiu o chefe do Comité para a Segurança do Estado. A sua tarefa era em grande parte proteger o país contra a mudança.

E aquela carta ameaçava mudança, sem dúvida. Era uma ameaça e talvez ele tivesse de fazer qualquer coisa acerca da mesma. Isso queria dizer fazer qualquer coisa acerca do homem por detrás dela.

Já acontecera antes. Poderia acontecer outra vez, decidiu ele.

Andropov não iria viver o tempo suficiente para saber que, ao considerar aquela ação, iria despoletar a morte do seu próprio país.

CAPÍTULO 1

DIVAGAÇÕES E SONHOS

Quando é que começa, Jack? — perguntou Cathy na quietude da cama deles.

E o marido dela ficou contente por se tratar da cama de ambos. Confortável como fora a do hotel de Nova Iorque, nunca era a mesma coisa e, para além disso, ele já aturara o suficiente do sogro, com o seu dúplex em Park Avenue e o seu imenso sentido de importância. Pois bem, Joe Muller tinha uns bons noventa milhões no banco e um portefólio diversificado, e isso estava a crescer muito bem com a nova presidência, mas já começava a ser de mais.

— Depois de amanhã — disse-lhe o marido. — Creio que devo lá ir depois do almoço, só para dar uma vista de olhos.

— Já era altura de estares a dormir — disse ela.

Havia inconvenientes em se estar casado com uma médica, costumava Jack dizer a si mesmo. Não se podia esconder muita coisa. Um toque suave e amoroso poderia revelar a temperatura do nosso corpo, os batimentos cardíacos, e só Deus sabia que outras coisas mais, e os médicos escondiam os seus sentimentos acerca do que pensavam, com a mesma destreza de um jogador de póquer profissional. Bem, às vezes.

— Sim, foi um dia que nunca mais acabava. — Eram quase cinco da tarde em Nova Iorque, mas o «dia» dele durara mais do que as normais vinte e quatro horas. Não havia dúvida de que ele tinha de aprender a dormir em aviões. Não era por o seu assento não ser confortável. Ele pagara a diferença dos bilhetes dados pelo governo para ir em primeira classe, com o seu cartão da American Express, e em breve as milhas aéreas iriam crescer tanto que tais melhorias seriam automáticas. *Sim, era ótimo*, ponderou Jack. Iriam reconhecê-lo quando o vissem em Heathrow e em Dulles. Bem, pelo menos tinha o seu novo passaporte diplomático de capa negra e não teria de se incomodar com revistas e coisas do género. Ryan estava tecnicamente destacado para a embaixada americana em Londres, na Grosvenor Square, mesmo em frente ao edifício onde se situara o escritório de Eisenhower durante a Segunda Guerra Mundial, e com essa atribuição vinha o estatuto diplomático que o transformava numa superpessoa desembaraçada das inconveniências da legislação civil. Ele poderia trazer um quilo de heroína para Inglaterra e ninguém poderia sequer tocar-lhe nas malas sem a sua autorização... que ele poderia sumariamente recusar, com base nos privilégios diplomáticos e na

urgência dos assuntos a tratar. Era um segredo público que os diplomatas não se incomodavam com taxas alfandegárias para coisas como perfumes para as esposas (ou outras afins) e/ou bebidas para eles mesmos, mas, para a natureza católica de Ryan quanto à conduta pessoal, tratava-se de pecados veniais e não mortais.

Eram os habituais pensamentos confusos de um cérebro fatigado, reconheceu. Cathy nunca se permitiria operar num estado mental semelhante. Na verdade, como médica interna tinham-na mantido a trabalhar horas sem fim (sendo a ideia habituá-la a decidir corretamente sob condições miseráveis), mas uma parte do seu marido interrogava-se acerca de quantos doentes teriam sido sacrificados no altar desse campo de treino intensivo. Se os advogados de barra alguma vez descobrissem como fazer dinheiro com isso...

Cathy (a Doutora Caroline Ryan, Médica, FACS⁷, dizia o crachá em plástico na sua bata branca) lutara durante essa fase da sua formação e, mais de uma vez, o seu marido se preocupara com o seu percurso até casa ao volante de um *Porsche* desportivo, após trinta e seis horas seguidas no serviço de obstetrícia, ou de pediatria, ou de cirurgia geral, áreas em que ela não estava particularmente interessada, mas sobre as quais teria de saber alguma coisa para ser uma boa médica no Johns Hopkins. Bem, ela soubera o suficiente para lhe fazer um penso no ombro naquela tarde em frente ao palácio de Buckingham. Ele não morrera a sangrar diante da mulher e da filha, o que teria sido bastante ultrajante para todos os presentes, especialmente para os britânicos. *Será que me teriam ordenado cavaleiro postumamente?*, pensou Jack com uma gargalhada nervosa. Então, por fim, os seus olhos fecharam-se pela primeira vez em trinta e seis horas.

— ESPERO QUE ELE GOSTE DE LÁ ESTAR — DISSE O JUIZ MOORE, AO FIM DO DIA, num encontro de quadros superiores.

— Arthur, os nossos primos sabem o que é a hospitalidade — fez notar James Greer. — O Basil tem obrigação de ser um bom professor.

Ritter não disse nada. Aquele amador do Ryan obtivera muita publicidade, até de mais, para um empregado da CIA, sobretudo dado que era um fulano que se dedicava à informação de defesa. Tanto quanto Ritter sabia, a Direção de Informação abanava a cauda para o cão do diretor de Operações. Era verdade que Jim Greer era um bom espião e um bom homem com quem se podia trabalhar, mas não era um espião no terreno e, ao contrário do Congresso, era disso que a Agência precisava. Pelo menos Arthur Moore percebia isso, mas, na colina do Capitólio, se se mencionasse «oficial de informação no terreno» aos representantes que controlavam as verbas, eles recuariam como o Drácula diante de um

⁷ Sigla de Fellow of the American College of Surgeons, ou seja, Membro do Colégio Americano de Cirurgiões. (*N. do T.*)

crucifixo de ouro e mostrariam coletivamente uma expressão de repulsa. Então era a altura de falar.

— De que acham que eles o vão informar? — interrogou-se o vice-diretor de Operações, como se estivesse a pensar em voz alta.

— O Basil irá vê-lo como o meu representante pessoal — afirmou o juiz Moore, após um momento de análise. — De modo que tudo o que partilhem connosco poderão partilhar com ele.

— Eles vão elegê-lo como membro, Arthur — avisou Ritter. — Ele está metido em coisas que eles desconhecem. Irão tentar espremer o Ryan em busca de informação, e ele talvez não saiba defender-se contra isso.

— Bob, eu próprio o informei acerca do assunto — anunciou Greer. O vice-diretor de Operações, é claro, já sabia, mas Ritter tinha um verdadeiro talento para se fingir de rabugento quando as coisas não corriam à sua maneira. Greer perguntava-se como teria sido ser mãe de Bob. — Não subestime este rapaz, Bob. É um tipo esperto. Aposto consigo um jantar de bifés em como ele consegue extrair mais coisas dos britânicos do que eles conseguirão dele.

— Fraca aposta — retrucou o vice-diretor de Operações.

— No Snyder's — espicçou ainda mais o vice-diretor de Informação. Era o restaurante especializado em bifés, preferido por ambos os executivos, situado mesmo do outro lado da ponte Key, em Georgetown.

O juiz Arthur Moore, diretor-geral da Agência Central de Informação, assistia divertido àquela troca. Greer sabia como pisar o rabo de Ritter e, de certo modo, Bob nunca descobrira como se defender contra esse facto. Talvez fosse o sotaque de Nova Inglaterra. Texanos como Bob Ritter (e até o próprio Arthur Moore) achavam-se superiores a qualquer pessoa que falasse pelo nariz, certamente sobre um baralho de cartas ou em volta de uma garrafa de *bourbon*. O juiz pensava estar acima dessas coisas, embora fossem divertidas de observar.

— Pois bem, jantar no Snyder's. — Ritter estendeu a mão. E era já tempo de o diretor-geral de Informação retomar o controlo daquele encontro.

— Agora que esse assunto está resolvido, meus senhores, o presidente quer que eu lhe diga o que irá acontecer na Polónia.

Ritter não saltou ao ouvi-lo. Tinha um bom chefe de posto em Varsóvia, mas esse fulano dispunha apenas de três oficiais de campo no seu departamento, e um deles era um novato. No entanto, tinham um ótimo agente implantado por eles, dentro da hierarquia política do governo de Varsóvia, e outros muito bons no Exército.

— Arthur, *eles* não sabem. Eles andam a dançar em torno desta coisa do Solidariedade diariamente — comunicou o vice-diretor de Operações aos outros. — E a música está sempre a mudar.

— No fim de contas, tudo se irá resumir ao que Moscovo lhes diga para fazerem, Arthur — concordou Greer. — E Moscovo também não sabe.

Moore retirou os óculos de leitura e esfregou os olhos.

— Pois. Eles não sabem o que fazer quando alguém os desafia abertamente. O Estaline teria dado um tiro a todos eles, mas o presente grupo não tem a iniciativa para o fazer, graças a Deus.

— As regras da camaradagem trazem ao de cima o cobarde em cada um, e o Brejnev não tem o que é preciso para liderar. Tanto quanto sei, têm de o levar até à casa de banho. — Era um pequeno exagero, mas agradou a Ritter que a liderança soviética estivesse a enfraquecer.

— Que nos diz o CARDEAL? — Moore referia-se ao agente mais importante implantado por eles no Kremlin, o assistente pessoal do ministro da Defesa, Dmitriy Fedorovitch Ustinov. Chamava-se Mikhail Semyonovitch Filitov, mas para todos, exceto para uns quantos do pessoal ativo da CIA, era conhecido simplesmente como o CARDEAL.

— Diz que não tem esperança que qualquer coisa de útil saia do Politburo até terem um líder que possa verdadeiramente liderar. O Leonid está a ficar cada vez mais lento. Todos o sabem, mesmo as pessoas mais comuns. Não podem camuflar a sua imagem televisiva, pois não?

— Quanto tempo acredita que ainda lhe resta?

Houve uns quantos encolheres de ombros e Greer decidiu responder.

— Os médicos com quem falei dizem que ele poderia cair para o lado amanhã, ou que ainda se poderá arrastar por mais alguns anos. Dizem que lhe veem um leve indício de Alzheimer, mas apenas leve. O seu problema geral é uma miopatia cardiovascular progressiva, talvez exacerbada por um alcoolismo incipiente.

— Mas *todos eles* têm esse problema — observou Ritter. — O CARDEAL confirma os problemas de coração, já agora, tal como os que são causados pela vodca.

— O fígado é importante e o dele provavelmente não estará muito bom — continuou Greer, usando um eufemismo. Em seguida, Moore terminou esse pensamento.

— Mas não podemos dizer a um russo que pare de beber tal como não podemos pedir a um urso pardo que não cague nos bosques. Não sei se sabes, mas, se houver alguma coisa capaz de dar cabo destes fulanos, será a sua falta de habilidade para lidarem com uma transição ordenada do poder.

— Ora, meu Deus, meritíssimo! — Bob Ritter levantou os olhos, com um sorriso malicioso. — Creio que eles não devem ter advogados suficientes. Talvez pudéssemos enviar-lhes cem mil dos nossos.

— Eles não são assim tão estúpidos. Seria melhor enviar-lhes alguns mísseis

Poseidon. Talvez significasse menos danos para o ambiente social — observou o subdiretor.

— Porque é que as pessoas menosprezam a minha honrosa profissão? — perguntou Greer revirando os olhos para o teto. — Se há alguém que salve o sistema terá de ser um advogado, meus senhores.

— Acha que sim, Arthur? — inquiriu Greer.

— Não podemos ter uma sociedade racional sem um Estado de direito, e não podemos ter um Estado de direito sem advogados para o administrarem. — Moore era um antigo juiz presidente do Tribunal de Recursos do Estado do Texas. — Eles ainda não têm essas regras, não quando o Politburo pode pôr as mãos de fora e executar quem quer que seja, de quem eles não gostem, sem terem de passar por algo parecido com um processo de recurso. Deve ser como viver no Inferno. Não se pode contar com nada. É como viver em Roma sob o reinado de Calígula... qualquer ideia que ele tivesse tinha a força da lei. No entanto, que diabo, até Roma tinha *algumas* leis que os imperadores tinham de respeitar. Não é o caso dos nossos amigos russos. — Os outros não conseguiam de modo algum apreciar como aquele era um conceito tão terrível para o diretor. Ele fora em tempos o melhor advogado de barra num Estado conhecido pela qualidade da sua comunidade jurídica e, para mais, um juiz instruído em exercício num tribunal repleto de homens ponderados e justos. A maioria dos americanos estava tão acostumada a um estado de direito como aos vinte e sete metros entre as bases de um losango de beisebol. Para Ritter e Greer era mais importante que, antes da sua carreira jurídica, Arthur Moore tivesse sido um espião no terreno de grande qualidade. — Assim sendo, que diabo é que eu digo ao presidente?

— A verdade, Arthur — sugeriu Greer. — Nós não sabemos porque *eles* não sabem.

É claro que essa era a única coisa verdadeira e racional que ele poderia dizer.

— Raios o partam, Jim, eles *pagam-nos* para sabermos!

— Tudo se resume ao facto de os russos se poderem sentir ameaçados. A Polónia para eles não passa de uma marioneta, um Estado vassalo que salta sempre que eles estalam os dedos — disse Greer. — Os russos podem controlar o que o povo vê na televisão ou lê no *Pravda*...

— Mas não podem controlar os mexericos que saltam as suas fronteiras — ripostou Ritter. — E as histórias que os soldados deles contam quando regressam a casa após as missões que têm lá... e na Alemanha, e na Checoslováquia, e na Hungria, e o que ouvem no programa Voz da América e na Rádio Europa Livre. — A CIA controlava diretamente o primeiro desses programas e, quanto ao outro ser teoricamente quase independente, tal não passava de uma ficção em que ninguém acreditava. O próprio Ritter tinha uma grande influência em ambos os programas

de propaganda do governo americano. Os russos percebiam e respeitavam quer a agitação quer a propaganda políticas.

— Será que eles se sentem muito apertados? — interrogou-se Moore, em voz alta.

— Apenas há dois ou três anos pensavam que estavam na crista da onda — anunciou Greer. — A nossa economia estava pelas ruas da amargura, com a inflação e as filas para a gasolina, a confusão do Irão. Eles tinham acabado de fazer com que a Nicarágua se lhes sentasse no colo. O nosso moral nacional estava em baixo e...

— Bem, isso está a mudar, graças a Deus — continuou Moore. — Uma mudança completa? — perguntou. Não poderiam esperar tanto, mas, bem no fundo, Arthur Moore era um otimista... se assim não fosse, como poderia ele ser diretor-geral de Informação?

— É para aí que estamos a ir, Arthur — retorquiu Ritter. — Eles são lentos a aperceberem-se do que se está a passar. Não são os pensadores mais ágeis. Essa é a fraqueza deles. Os sujeitos no topo estão casados com a ideologia deles, a ponto de não conseguirem ver mais nada para além da mesma. Não sei se sabe, mas podemos magoar esses sacanas, magoá-los a sério, se pudermos examinar detalhadamente as suas fraquezas e arranjar-mos um modo de tirar partido delas.

— Acha mesmo que sim, Bob? — inquiriu o vice-diretor de Informação.

— Não acho nada, tenho a certeza! — ripostou o vice-diretor de Operações. — Eles estão numa situação *vulnerável* e o melhor de tudo é que ainda não o sabem. É altura de fazermos qualquer coisa. Temos agora um presidente que nos poderá apoiar se arranjar-mos algo suficientemente bom em que ele invista o seu capital político. O Congresso tem tanto medo dele que não se irá intrometer no caminho.

— Robert — disse o diretor-geral de Informação —, soa-me a que tem muito jogo na manga.

Ritter pensou por breves instantes antes de continuar.

— Pois tenho, Arthur, pois tenho. Tenho estado a pensar nisto desde que eles me retiraram do terreno, há onze anos. Não escrevi uma única palavra. — Ele não tinha de explicar porquê. O Congresso poderia apreender qualquer folha de papel no edifício... bem, quase qualquer folha... mas não algo transportado apenas na mente de alguém. Contudo, talvez já tivesse chegado a altura de começar a escrever. — Que é que os soviéticos mais desejam?

Greer tentou responder.

— Não nos é permitido pensar nesses termos. Queremos arranjar um acordo com eles. — De qualquer modo, aquilo era o que o *New York Times* dizia, e não era aquela a voz da nação? — Pois bem, Bob, cuspa lá isso.

— Como é que os atacamos? — perguntou Ritter. — E com isto quero dizer agarrar esses filhos da mãe mesmo no seu terreno, magoá-los...

— Dar com eles de pantanas? — perguntou Moore.

— E porque não? — retorquiu Ritter.

— Será que é possível? — perguntou o diretor-geral de Informação, interessado pelo facto de Ritter estar a pensar desse modo.

— Bem, Arthur, se eles podem apontar-nos um canhão tão grande, por que motivo não poderemos nós apontá-lo a eles? — Ritter tinha acabado de pôr o dedo na ferida. — Eles enviam dinheiro a grupos políticos no nosso país para complicarem o nosso processo político. Têm manifestações antinucleares pela Europa fora, apelando para que acabemos com o nosso teatro de armas nucleares, enquanto eles reconstróem o deles. Nós nem sequer podemos passar para os meios de comunicação o que sabemos...

— E, se o fizéssemos, os mesmos meios de comunicação não o publicariam — observou Moore. Apesar de tudo, os meios de comunicação também não gostavam de armas nucleares, embora estivessem dispostos a tolerar as armas soviéticas, pois estas, de um modo ou de outro, não eram desestabilizadoras. O que Ritter queria realmente fazer, receava ele, era ver se os soviéticos tinham influência nos meios de comunicação americanos. No entanto, mesmo que a tivessem, essa investigação só poderia dar frutos envenenados. Os meios de comunicação mantinham a visão da sua integridade e dos equilíbrios, tal como um avarento manteria a sua acumulação. Mas eles sabiam, mesmo sem terem provas, que o KGB *tinha* algum poder sobre os meios de comunicação americanos, porque este era fácil de estabelecer e de exercer. Adulá-los, revelar-lhes possíveis segredos era meio caminho andado para que eles comesçassem a confiar. Mas será que os soviéticos sabiam como um jogo desse género poderia ser perigoso? Os meios de comunicação americanos tinham algumas crenças básicas e perturbá-las seria como brincar com uma bomba prestes a explodir. Uma manobra errada poderia sair-lhes caro. Ninguém, naquele escritório do sétimo andar, albergava muitas ilusões acerca do génio do Serviço de Informação russo. Este tinha pessoas aptas, decerto, que também tinham sido muito bem treinadas; contudo, o KGB também tinha as suas fraquezas. Tal como a sociedade que servia, aplicava um molde político à realidade e ignorava fortemente a informação que não se encaixava nele. De modo que, após meses, até anos de planeamento e preparação meticulosos, eles permitiam muitas vezes que as operações falhassem, porque um dos seus oficiais decidira que a vida na terra do inimigo não era assim tão má como a pintavam. A cura para uma mentira era sempre a verdade. Tinha um modo de nos bater na cara e, quanto mais esperto se era, mais doía.

— Isso não é importante — afirmou Ritter, surpreendendo ambos os colegas.

— Pois bem, continue — exigiu Moore.

— O que precisamos de fazer é examinar as vulnerabilidades deles e atacá-las... com o objetivo de lhes destabilizar o país por completo.

— Isso é muito difícil, Robert — observou Moore.

— Tomou um comprimido de ambição, Bob? — perguntou Greer, intrigado mesmo assim. — Os nossos mestres políticos irão ficar lívidos perante um objetivo tão ambicioso.

— Oh, bem sei. — Ritter levantou as mãos. — Oh, não, não os devemos magoar. Eles poderão atacar-nos com uma bomba atômica. Mas, vamos lá, é muito menos provável que sejam eles a atacar do que nós. Escutem, eles têm *medo* de nós. Têm medo da *Polónia*, pelo amor de Deus. Porquê? Porque há uma doença na Polónia que poderá contagiar o povo deles. Chama-se expectativas crescentes e estas são algo que eles não poderão satisfazer. A economia soviética está mais estagnada do que a água de um charco. Se lhes dermos um empurrãozinho...

— «Tudo o que temos de fazer é arrombar a porta e toda essa estrutura podre se irá desfazer» — citou Moore. — Isso já foi dito antes, mas o próprio Adolfo teve uma desagradável surpresa quando a neve começou a cair.

— Ele era um idiota que não tinha lido Maquiavel — ripostou Ritter. — Primeiro conquistam-se, depois executam-se. Por que razão avisá-los?

— Enquanto os nossos presentes adversários poderiam ter ensinado ao velho Nicolau umas quantas lições... — concordou Greer. — Muito bem, Bob, que propõe?

— Um exame sistemático das fraquezas soviéticas com vista a podermos tirar partido delas. Para simplificar, investigamos a forma possível de um plano capaz de causar um grande incómodo ao nosso inimigo.

— Que diabo, isso é o que nós deveríamos ter estado sempre a fazer, de qualquer modo — observou Moore, concordando logo com a ideia. — James?

— Não tenho qualquer problema com isso. Posso arranjar uma equipa para discutir umas quantas ideias no meu escritório.

— Não os suspeitos do costume — urgiu o vice-diretor de Operações. — Nunca iremos obter nada que nos seja útil de um grupo regular. Já é tempo de começarmos a pensar em qualquer porra bem fora da caixa habitual.

Greer pensou nisso por momentos, depois anuiu com um aceno de cabeça.

— Pois bem, eu encarrego-me de recrutar as pessoas. Um projeto especial. Arranjem-lhe um nome.

— Que tal INFEÇÃO? — perguntou Ritter.

— E se a coisa se vier a transformar numa operação vão chamar-lhe PESTE? — perguntou o vice-diretor de Informação, com uma gargalhada.

Moore também se riu.

— Não, já sei, MÁSCARA DA MORTE VERMELHA. Qualquer coisa do Poe soa-me bem.

— Isto tem mesmo que ver com o facto de o diretor de Operações se sobrepor ao diretor de Informação, não tem? — pensou Greer em voz alta.

Ainda não era um empreendimento sério, apenas um exercício académico interessante, do mesmo modo que um especialista poderia olhar para a robustez e para as fraquezas de uma empresa sobre a qual ele quisesse fazer uma OPA ... e então, se as circunstâncias assim o justificassem, dividi-la em várias partes. Não, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era o centro do seu mundo profissional, o Bobby Lee para o seu Exército em Potomac, os New York Yankees para os seus Boston Red Socks. Derrotá-los, por mais atrativo que fosse o sonho, não passava disso, de um sonho.

Mesmo assim, o juiz Moore aprovou aquela maneira de pensar. Se um homem não ambicionasse mais do que aquilo que estava ao seu alcance, então para que diabo servia o céu?

QUANDO SE APROXIMAVAM AS VINTE E TRÊS HORAS EM MOSCOVO, ANDROPOV estava a saborear um cigarro (de facto, um *Marlboro* americano) e a bebericar uma vodca, uma especial, da marca *Starka*, que era castanha como o *bourbon* americano. No gira-discos estava outro produto americano, um LP do Louis Armstrong a tocar, no trompete, um extraordinário jazz de Nova Orleães. Tal como muitos outros russos, o diretor do KGB via os negros como sendo pouco mais do que macacos antropófagos, mas os que viviam nos EUA tinham inventado a sua própria forma de arte. Ele sabia que deveria ser um devoto de Borodin ou de outro compositor russo, mas havia algo acerca da vitalidade do jazz americano que lhe fazia tocar uma espécie de campainha na cabeça.

A música, no entanto, era apenas uma ajuda para pensar. Yuriy Vladimirovitch Andropov tinha umas sobrancelhas descaídas e um maxilar esguio, com um queixo proeminente que sugeria uma outra origem étnica, contudo a sua mente era inteiramente russa, o que queria dizer que era em parte bizantina e em parte tártara e mongol, completamente focada em atingir os seus próprios objetivos. Destes ele tinha muitos, mas, acima de tudo, queria ser o líder do seu país. Alguém o teria de salvar e ele sabia exatamente quanto é que o mesmo precisava de ser salvo. Uma das vantagens de se ter tornado diretor do Comité para a Segurança do Estado é que não havia muita coisa que fosse secreta para ele, e aquela era uma sociedade repleta de mentiras, onde estas eram, de facto, a mais elevada das formas de arte. Tal era especialmente o caso da economia soviética. A estrutura, controlada pelo comando, daquele colosso flácido significava que cada fábrica e que cada gestor de fábrica tinham objetivos de produção que ambos teriam de satisfazer. Estes

poderiam ser realistas ou não. Não era isso o importante. O que importava era que o seu cumprimento era draconiano. Não tanto quanto o tinha sido em tempos, é claro. Nas décadas de 1930 e 40, não atingir o objetivo determinado pelo Plano significava a morte ali mesmo, naquele edifício, porque os que falhassem em atingir o Plano eram os «destruidores», sabotadores, inimigos do Estado, *traidores* num país onde a traição era um crime pior do que qualquer outro, e que exigia uma punição pior do que qualquer outra, geralmente uma bala de calibre 44 de um dos revólveres *Smith & Wesson* que os *czares* tinham comprado à América.

Como resultado, os gestores das fábricas tinham aprendido que se, efetivamente, não fossem capazes de satisfazer as expectativas do Plano, o teriam de fazer no papel, prolongando quer as suas vidas, quer as vantagens do seu posto. A verdade desse fracasso perdia-se geralmente no mar de burocracia que fora herdado dos *czares* e alimentado, para poder crescer mais, sob o marxismo-leninismo. Andropov sabia que a sua própria agência também tinha muito dessa mesma propensão. Ele poderia dizer alguma coisa, proferir palavras com voz de trovão, mas isso não significava que alguns resultados acontecessem. No entanto, tal acontecia por vezes, sobretudo ultimamente, porque Yuriy Vladimirovitch Andropov mantinha as suas anotações pessoais, que verificaria mais ou menos uma semana depois. E, gradualmente, a sua agência estava a aprender a mudar.

Mas não havia modo de disfarçar que a ofuscação derrotava até mesmo o seu tipo de rigor implacável. Mesmo Estaline, se voltasse a nascer, não poderia mudá-la, e *ninguém* queria que ele renascesse. A ofuscação institucional tinha subido até ao topo da hierarquia do Partido. O Politburo não era mais decidido do que o pessoal que geria a quinta do Estado «Sol Nascente». Ninguém aprendera a ser eficiente, observara ele durante a sua ascensão até ao topo, e, como resultado, muita coisa acontecia com um piscar de olhos ou com um assentimento de cabeça, com a compreensão de que tal não era assim tão importante.

E, devido ao facto de acontecerem tão poucos avanços, cabia a ele e ao KGB corrigir tudo o que estava errado. Se os órgãos do Estado não podiam obter aquilo de que este necessitava, o KGB teria então de o ir roubar a quem o tivesse. A agência de espionagem de Andropov e o seu serviço irmão, a GRU⁸, roubavam toda a espécie de *designs* de armas do Ocidente. *Eram tão eficientes*, pensou ele, com um riso abafado, *que os pilotos soviéticos morriam por vezes devido aos mesmos defeitos de fabrico que tinham matado os pilotos americanos, anos antes.*

E ali residia o busílis. Se bem que o KGB fosse muito eficiente, os seus sucessos mais relevantes garantiam apenas que o Exército do seu país estava, pelo menos, cinco anos atrasado em relação ao Ocidente. E a única coisa que nem ele nem

⁸ Acrónimo russo para Agência de Informação Militar. (N. do T.)

os seus oficiais de campo podiam roubar ao Ocidente era o controlo de qualidade das suas indústrias, que tornava possível as armas mais avançadas. Quantas vezes, pensava ele, tinha o seu povo obtido *designs* dos EUA e de outros lados para vir a constatar que o seu país não os poderia replicar?

E era isso que ele teria de remediar. As tarefas míticas de Hércules pareciam triviais em comparação, disse Andropov para si mesmo, apagando o cigarro. Transformar a sua nação? Na Praça Vermelha mantinham a múmia de Lenine como uma espécie de deus comunista, a relíquia de um homem que transformara a Rússia de um Estado monárquico atrasado num... Estado socialista atrasado. O governo de Moscovo desprezava quaisquer países que tentassem combinar socialismo com capitalismo, exceto por uma pequena coisa: o KGB também tentava roubar destes últimos. O Ocidente raramente derramava sangue e dinheiro para descobrir armas soviéticas, a não ser para se dar conta do que nelas não funcionava. Os serviços de informação ocidentais fizeram o seu melhor para assustarem os respetivos governos, proclamando que as novas armas soviéticas eram os instrumentos de destruição de Satã. Porém, não demorou até se darem conta de que o tigre soviético tinha botas de chumbo e que não podia caçar veados, se bem que os seus dentes pudessem parecer assustadores. Fossem quais fossem as ideias originais criadas por cientistas russos, e houvera muitas, eram devidamente furtadas e convertidas pelo Ocidente em instrumentos que realmente funcionavam.

Os gabinetes de *design* prometiam coisas aos militares e ao Politburo. Falavam-lhes no modo como os seus novos sistemas poderiam melhorar, apenas com uns quantos fundos... *Ah!* E, o tempo todo, aquele presidente americano estava a fazer o que os seus predecessores não tinham feito: estava a alimentar *o seu* tigre. O monstro industrial americano estava a comer carne vermelha crua e, realmente, a manufacturar em grandes quantidades as armas que os russos tinham desenvolvido na década precedente. Os seus oficiais no terreno e os seus agentes relatavam que o moral dos militares americanos estava a aumentar pela primeira vez numa geração. O Exército, em particular, estava a treinar cada vez mais, e as suas novas armas...

... Não que o Politburo fosse acreditar nele quando lhes dissesse. Os seus membros eram demasiado provincianos, não estavam expostos ao mundo real para lá das fronteiras soviéticas. Assumiam que o mundo inteiro era mais ou menos como era ali, de acordo com as teorias políticas de Lenine, escritas há sessenta anos! Como se o mundo em nada tivesse mudado desde então! Yuriy Vladimirovitch enchia-se de uma raiva silenciosa. Ele gastara enormes quantidades de fundos para saber o que estava a acontecer no mundo, tivera os dados a ser analisados por especialistas qualificados e requintadamente treinados, apresentara relatórios impecavelmente organizados ao idoso que se sentava em torno da mesa de carvalho... e eles *ainda* não o escutavam.

E depois havia o problema corrente.

É assim que irá começar, disse Andropov para si mesmo, com outro grande gole da sua *Starka*. Só será preciso uma pessoa se ela for a pessoa certa. Ser a pessoa certa queria dizer que toda a gente a escutaria e prestaria atenção às suas palavras e ações. E algumas pessoas suscitavam esse tipo de atenção.

E essas eram aquelas que eles tinham de temer...

Karol, Karol, porque tens de causar tantos problemas?

E seria um grande problema se ele agisse do modo como ameaçava fazê-lo. A carta que ele enviara para Varsóvia não fora apenas para aqueles lacaios naquela capital, ele sabia muito bem onde é que ela iria parar. Não era nenhum parvo. De facto, era tão astuto como qualquer figura política que Yuriy tivesse conhecido. Ele não podia ser um padre católico num país comunista e ter subido até ao topo da maior igreja do mundo, ser até *o seu* secretário-geral, sem saber operar as alavancas do poder. Mas o seu posto remontava quase há mil anos, se é que alguém acreditava nesse absurdo... bem, talvez. A idade da Igreja Católica Romana era um facto objetivo, não era? Os factos históricos eram factos históricos, mas isso não tornava a estrutura da crença subjacente mais válida do que Marx dissera que era... ou que *não era*, para ser mais preciso. Yuriy Vladimirovitch nunca considerara que a crença em Deus fizesse mais sentido do que a crença em Marx ou em Engels. Mas sabia que todos tinham de acreditar em qualquer coisa, não porque fosse verdade, mas porque tal era em si mesmo uma fonte de poder. As pessoas menores, a quem tinham de dizer o que fazer, tinham de acreditar em algo maior do que elas. Os primitivos, que viviam nas selvas que restavam no mundo, ainda ouviam no trovão não apenas um choque de ar quente e frio, mas a voz de qualquer coisa viva. Porquê? Porque sabiam que eram seres fracos num mundo forte e pensavam que poderiam influenciar fosse qual fosse a deidade que os controlava, sacrificando porcos, ou até crianças, e os que controlavam essa *influência* adquiriam então o poder de moldarem a sua sociedade. O poder era a sua própria moeda. Alguns Grandes Homens usavam-no para alcançarem conforto, ou mulheres. Um dos seus predecessores, no KGB, usara-o para arranjar mulheres, na verdade, jovens raparigas, contudo, Yuriy Vladimirovitch não compartilhava desse vício em particular. Não, o poder era suficiente em si mesmo. Um homem podia regalar-se nele, como um gato junto à lareira com o simples prazer de a ter por perto, sabendo que tinha a capacidade de governar os outros, de trazer a morte ou o bem-estar àqueles que o serviam, que o satisfazião com a sua obediência e com o seu reconhecimento bajulador de que ele era maior do que eles.

Não era apenas isso, é claro. Tinha de se *fazer* qualquer coisa com esse poder. Tinha de se deixar pegadas nas areias do tempo. Boas ou más, não importava, desde que fossem suficientemente grandes para darem nas vistas. No seu caso, um

país inteiro precisava da sua orientação, porque, de todos os homens no Politburo, só ele poderia ver o que precisava de ser feito. Só ele poderia traçar o curso que a sua nação teria de seguir. E, se o fizesse bem, seria lembrado. Ele sabia que um dia a sua vida iria terminar. No caso de Andropov seria uma doença de fígado. Ele não deveria beber vodca, mas, com o poder, também vinha o direito absoluto de poder escolher o seu próprio caminho. Nenhum homem podia dizer o que ele teria de fazer. A sua inteligência latente dizia-lhe que isso nem sempre era a coisa mais acertada. Contudo, os Grandes Homens não escutavam os mais insignificantes e ele considerava-se o mais importante dos primeiros. Será que a sua força de vontade não seria bastante forte para definir o mundo em que vivia? Claro que era. De modo que tomava uma bebida ou duas, ou por vezes três, à noite. Mesmo mais, em jantares oficiais. O seu país há muito ultrapassara a fase de ser governado por um único homem... Isso acabara já há trinta anos, com o falecimento de *Koba*, Iossif Vissarionovitch Estaline, que governara com uma crueldade capaz de fazer com que Ivan, *o Terrível*, ficasse com as pernas a tremer. Não, esse tipo de poder era demasiado perigoso para quem governava e para quem obedecia. Estaline fizera tantos erros como escolhas acertadas e, se bem que as últimas tivessem sido úteis, os primeiros quase tinham condenado a União Soviética a um atraso perpétuo. De facto, ao criar a mais tremenda burocracia do mundo, ele, em grande parte, renunciara ao progresso para a sua nação.

Mas um homem, o homem certo, poderia liderar e encaminhar os seus associados políticos no Politburo na direção certa e, em seguida, ao selecionar novos membros, poderia realizar os objetivos pretendidos através da influência e não do terror. Só então, quem sabe, ele poderia pôr o país a andar de novo, mantendo o controlo único de que todas as nações precisavam, ao juntar-lhe a necessária flexibilidade de que precisava para que novas coisas acontecessem... para atingir o Verdadeiro Comunismo... para verem o Futuro Radiante que os escritos de Lenine proclamavam e que acabaria por premiar os Fiéis.

Andropov não via a contradição na sua própria mente. Tal como muitos Grandes Homens, ele era cego em relação às coisas que não se encaixavam no seu vasto ego.

E, de qualquer modo, tudo voltava a Karol e ao perigo que ele representava.

Fez uma anotação mental para a reunião com o pessoal no dia seguinte de manhã. Tinha de ver quais seriam as possibilidades. O Politburo divagaria em voz alta acerca de como lidar com o problema anunciado pela Carta de Varsóvia, os olhares voltar-se-iam para a sua cadeira e ele iria precisar de ter algo para dizer. O truque era arranjar qualquer coisa que não assustasse os colegas, nem pusesse em jogo as suas posições conservadoras. Eles tinham tanto medo, esses homens supostamente poderosos...

Ele lera muitos relatórios dos seus oficiais no terreno, os espões talentosos da Primeira Direção-Geral, sempre a investigarem os pensamentos dos seus homólogos. Era tão estranho darem-se conta de quanto medo havia no mundo... e os mais medrosos de todos eram muitas vezes os que detinham o poder nas mãos.

Não, Andropov despejou o copo e decidiu que não iria beber mais. A razão para esse medo era que eles se preocupavam com não terem poder. Não eram fortes. Eram dominados pelas suas mulheres, do mesmo modo que os operários ou os trabalhadores agrícolas. Temiam perder o que detinham tão avidamente, de modo que usavam o seu poder em operações ignóbeis dirigidas a esmagarem aqueles que se pudessem apoderar do que eles tinham. Até mesmo Estaline, o mais poderoso dos déspotas, usara o seu poder sobretudo para eliminar os que se poderiam sentar na sua elevada cátedra. Assim, o grande *Koba* desperdiçara as suas energias sem olhar para a frente, sem olhar para fora, mas a olhar para baixo. Ele era como uma mulher na sua cozinha, com medo de ratos por baixo da saia, em vez de se comportar como um homem capaz de matar um tigre que lhe quisesse saltar em cima.

Mas será que ele poderia ter agido de outro modo? Sim! Poderia ter olhado em frente, ver o futuro e traçar para si um caminho. Sim, ele poderia ter comunicado a sua visão aos homens menores que se sentavam em volta da mesa no Kremlin e liderá-los com a sua força de vontade. Sim, ele poderia ter dado um novo enfoque à visão de Lenine e de todos os pensadores da filosofia que governava o seu país. Sim, ele poderia ter alterado o curso da nação e ser para sempre lembrado como um Grande Homem...

Mas primeiro, aqui e agora, teria de lidar com Karol e com a sua aborrecida ameaça à União Soviética.

CAPÍTULO 2

VISÕES E HORIZONTES

Cathy quase entrou em pânico só de pensar que teria de ir levá-lo até à estação de comboios. Ao vê-lo caminhar para o lado esquerdo do carro, ela assumiu, tal como qualquer americano, que ele a iria conduzir, de modo que ficou verdadeiramente surpreendida quando ele lhe atirou com as chaves.

Os pedais, descobriu ela, eram iguais aos de um carro americano, porque as pessoas, pelo mundo fora, usavam mais naturalmente o pé direito, ainda que em Inglaterra se guiasse pela esquerda. A alavanca das mudanças estava no centro do tablier, de modo que ela tinha de usar a mão esquerda para a utilizar. Fazer marcha-atrás, no caminho de acesso em tijolo, não era tão diferente do normal. Ambos pensaram logo se seria igualmente difícil para os britânicos passarem a guiar pelo lado direito da estrada, em mais do que um aspeto, ao irem para os EUA, ou quando tomavam o barco para França. Jack decidiu que, um dia, iria perguntá-lo a alguém enquanto bebessem cerveja.

— Lembra-te só, a esquerda é a direita, a direita é a esquerda, e que guias em contramão.

— Muito bem — respondeu ela, aborrecida. Ela sabia que teria de aprender, a parte racional do seu cérebro dava-se conta de que essa era uma oportunidade tão boa como qualquer outra, apesar de *agora* ter um modo incómodo de surgir, como se de debaixo do chão, como um guerrilheiro de um buraco de aranha. O caminho para sair do miniprojeto habitacional levou-os a passar em frente de um edifício, apenas de primeiro andar, que parecia servir de gabinete médico, e pelo parque com uma série de baloiços, que convencera Jack a escolher essa casa em particular. Sally gostava dos baloiços e iria lá encontrar e fazer novos amigos. E o pequeno Jack poderia também ali apanhar algum sol. No verão, de qualquer modo.

— Volta à esquerda, querida. Faz-se uma curva à direita quando se quer ir para a esquerda, não te atraveses no trânsito.

— Eu sei — disse a Doutora Caroline, pensando por que motivo Jack não chamara um táxi. Ela ainda tinha imenso que fazer na casa e não precisava de uma lição de condução. Bem, pelo menos parecia ser um carro rápido, concluiu ela, dando-lhe um toque no acelerador que o fez andar mais depressa. Contudo, não se comparava ao seu velho *Porsche*.

— No sopé da colina vira à direita.

— Estou a ver... — Ótimo, aquilo parecia-lhe simples. Ela teria de encontrar o caminho para casa e detestava ter de pedir direções. Isso vinha-lhe do facto de ser uma cirurgiã, que comandava o seu mundo como um piloto de combate no *cockpit*... E, como cirurgiã, ela não podia entrar em pânico, pois não...?

— Aqui mesmo — disse-lhe Jack. — Lembra-te do tráfego que vem em direção contrária. — Não havia nenhum nesse momento, mas isso iria mudar, provavelmente logo que ele saísse do carro. Ele não invejava a sua tentativa de aprender a andar nas estradas locais sozinha, porém, a maneira mais eficaz de se aprender a nadar era dar um salto para a água... assumindo que ninguém se afogava. Não obstante, os britânicos eram um povo amável e, se necessário, algum motorista local simpático talvez lhe indicasse o caminho até casa.

A estação de comboios era quase tão impressionante como a plataforma elevada do Bronx, um pequeno edifício de pedra com degraus e/ou escadas rolantes que levavam à linha mais abaixo. Ryan comprou o bilhete com dinheiro vivo, mas viu um sinal que publicitava conjuntos de bilhetes para uso diário. Pegou num exemplar do *The Daily Telegraph*. Isso iria marcá-lo como um tipo conservador junto dos habitantes locais. Os que eram mais liberais escolhiam *The Guardian*. Decidiu ignorar os tabloides que tinham mulheres nuas lá dentro. Um diabo de uma coisa para se ver, logo depois do pequeno-almoço.

Teve de esperar dez minutos pelo comboio que chegou com pouco ruído, sendo este uma mistura entre um comboio elétrico intercidades e uma carruagem de metro. O bilhete dele era de primeira classe, o que o colocou num pequeno compartimento. As janelas abriam-se e fechavam-se, se usássemos uma alça de couro, e a porta do compartimento abria-se para fora, para permitir que ele pudesse descer diretamente sem ter de percorrer o corredor. Após ter feito aquelas descobertas, Ryan sentou-se e examinou a primeira página do jornal. Tal como na América, a política local cobria cerca de metade da folha e Ryan olhou para dois dos artigos, pensando aprender assim os costumes locais e as queixas. O horário dizia que iria demorar quarenta minutos até Victoria Station. Não era muito mau e muito melhor do que ter de guiar, dissera-lhe Dan Murray. Para além disso, estacionar um carro em Londres era ainda pior do que em Nova Iorque, com o lado errado da estrada e tudo o mais.

A viagem de comboio foi agradavelmente tranquila. Os comboios eram, evidentemente, um monopólio gerido pelo governo e gastava-se dinheiro na brita sobre a qual assentavam os carris. Um revisor olhou-lhe para o bilhete com um sorriso, sem dúvida marcando instantaneamente Jack como um ianque, e seguiu, deixando-o entregue ao seu jornal. O cenário que via da janela em breve lhe dominou o interesse. O campo era verde e viçoso. Os britânicos adoravam os seus relvados. As casas geminadas eram ali mais pequenas do que as do seu bairro de

infância em Baltimore, com o que pareciam ser telhados de ardósia e, meu Deus, as ruas eram estreitas. Teria de se ter muita atenção a conduzir, caso contrário poderíamos acabar na sala de estar de alguém. Isso decerto não cairia bem, mesmo para os ingleses habituados a lidar com os problemas dos visitantes americanos.

Era um dia límpido, havia nuvens brancas e macias lá no alto e um azul delicioso. Ele nunca ali apanhara chuva. Contudo, tinham de a ter. Um em cada três homens na rua transportava um chapéu de chuva enrolado e muitos deles usavam chapéu. Ryan não o fazia desde os seus tempos no Corpo de Fuzileiros Navais. A Inglaterra era suficientemente diferente dos EUA para ser perigosa, decidiu. Havia muitas similaridades, mas as diferenças sobressaíam e assaltavam-nos quando menos esperávamos. Ele teria de ter muito cuidado quando Sally atravessasse as ruas. Com quatro anos e meio estava sujeita a olhar para o lado errado na hora errada. Ele já vira a sua menina no hospital e isso, meu Deus, chegara-lhe para a vida toda.

Estava agora a entrar na cidade, que lhe pareceu atravancada. A prioridade para os carros era elevada. Olhou em volta, em busca de marcos reconhecíveis. Será que aquilo era a catedral de São Paulo à sua direita? Se assim fosse, chegaria em breve a Victoria. Dobrou o jornal. Em seguida, o comboio começou a abrandar e, não havia dúvidas, era Victoria Station. Abriu a porta do compartimento, como um habitante local, e saiu para a plataforma. A estação era uma série de arcos em aço com vidraças, que tinham sido enegrecidas devido ao fumo dos comboios a vapor há muito desaparecidos... Mas ninguém se dera ao trabalho de limpar os vidros. Ou será que tal se devia à poluição do ar? Vá lá saber-se. Jack seguiu as restantes pessoas para o enorme salão em tijolo que parecia constituir a área de chegada e partida da estação. Como seria de esperar, havia a habitual série de bancas de revistas e de lojinhas. Conseguiu ver a saída e viu-se ao ar livre, procurando nos bolsos o mapa Chichester de Londres. Westminster Bridge Road era demasiado longe para ir a pé, de modo que apanhou um táxi.

No interior do mesmo, Jack olhou em volta, com a cabeça a rodar, um pouco como o turista que ele já não era. E ali estava ele.

A Century House, assim chamada por se situar no n.º 100 da Westminster Bridge Road, era, segundo pareceu a Jack, uma estrutura típica de entre as duas guerras com uma altura considerável e uma fachada em pedra que estava... a descascar-se? O edifício estava coberto com uma rede de plástico cor de laranja que, obviamente, se encontrava ali para impedir que parte da fachada caísse sobre os peões. Bem. Será que alguém estava a examinar o edifício à procura de escutas russas? Ninguém em Langley o avisara acerca disso. Mesmo ao cimo da rua estava a ponte de Westminster e, do outro lado da mesma, as Casas do Parlamento. De qualquer modo, encontrava-se num belo bairro. Jack começou a

subir rapidamente os degraus de pedra até à porta com dois batentes e avançou uns bons três metros até encontrar um balcão de atendimento a cargo de alguém com uma espécie de uniforme da polícia.

— Em que posso ajudar o senhor? — perguntou o guarda. Os britânicos diziam-no sempre, como se, realmente, quisessem mesmo ajudar. Jack interrogou-se se não haveria algures uma pistola escondida. Se não aí, talvez não muito longe. Tinha de haver segurança naquele local.

— Bom dia. O meu nome é Jack Ryan. Vou começar a trabalhar aqui.

Houve um instantâneo sorriso de reconhecimento.

— Ah, Sir John.⁹ Bem-vindo à Century House. Deixe que faça uma chamada para o andar de cima. — O que ele fez. — Vem alguém a caminho. Queira sentar-se.

Jack mal tivera tempo de o fazer, quando alguém que lhe era familiar surgiu através das portas giratórias.

— Jack! — exclamou ele.

— Sir Basil. — Ryan levantou-se para lhe apertar a mão estendida.

— Não estava à sua espera até amanhã.

— Estou a deixar que a Cathy comece a desencaixotar as coisas. De qualquer modo, ela não confia em mim para fazer esse trabalho.

— Pois, nós, homens, temos as nossas limitações, não é verdade? — Sir Basil Charleston estava na casa dos cinquenta, alto e imperialmente magro, como o poeta dissera em tempos, com cabelo castanho que ainda não estava grisalho. Tinha uns olhos brilhantes cor de avelã e um fato que não era barato, de lã cinzenta com finas riscas brancas, apresentando-se assim como um banqueiro comercial muito próspero. De facto, a sua família dedicara-se a esse ramo de negócio, mas ele achara que o mesmo o restringia e optou, em vez disso, por pôr a sua educação de Cambridge ao serviço do próprio país; primeiro como oficial de informação no terreno e, mais tarde, como administrador. Jack sabia que James Greer gostava dele e que o respeitava, tal como o juiz Moore. Conhecera Charleston há um ano, logo após ter levado um tiro. Depois viera a saber que Sir Basil admirava a sua invenção da Armadilha para Canários, que lhe granjeara um alto nível de notoriedade em Langley. Basil usara-a, evidentemente, para pôr fim a algumas fugas incómodas. — Venha, Jack. Precisamos de o equipar convenientemente. — Ele não se estava a referir ao fato de Jack, que era um Saville Row tão caro como o seu. Não, isso significava uma visita aos recursos humanos.

A presença de Charleston, tal como o título do trabalho que o esperava, tornava tudo isso indolor. Eles já tinham um conjunto das impressões digitais de Ryan, vindas de Langley, era sobretudo questão de lhe tirarem uma fotografia e de

⁹ Nome pelo qual Jack Ryan é chamado por alguns britânicos. (*N. do T.*)

a porem no seu cartão, que lhe permitiria passar por todas as portas eletrônicas, semelhantes às da CIA. Experimentaram esse mesmo cartão, através de uma porta falsa, e viram que estava a funcionar. Em seguida, teve de subir no elevador até ao escritório espaçoso e de esquina de Sir Basil.

Era melhor do que a longa e estreita divisão com que o juiz Moore se tinha de contentar. Tinha uma vista decente do rio e do palácio de Westminster. O diretor-geral convidou Jack a sentar-se numa cadeira de couro.

— Então, algumas impressões iniciais? — perguntou Charleston.

— Tudo bem até aqui. A Cathy ainda não foi ao hospital, mas o Bernie, o chefe dela no Hopkins, diz que o diretor médico daqui é um indivíduo muito simpático.

— Sim o Hammersmith tem uma boa reputação e o Doutor Byrd é visto como sendo o melhor cirurgião de oftalmologia da Grã-Bretanha. Nunca o conheci pessoalmente, mas disseram-me que é uma pessoa muito decente. Como passatempo, adora pescar salmão nos rios da Escócia. É casado, tem três filhos, o mais velho é tenente nos Coldstream Guards.

— Estiveram a investigá-lo? — perguntou Jack, incrédulo.

— Nunca se pode ser demasiado cuidadoso, Jack. Alguns dos seus primos do outro lado do mar da Irlanda não gostam muito de si, sabia?

— E isso é um problema?

Charleston abanou a cabeça.

— Não creio. Quando você ajudou a desmantelar o ULA¹⁰, talvez tivesse salvado algumas vidas no PIRA¹¹. Isso ainda está a ser resolvido, mas trata-se de um trabalho para o Serviço de Segurança. Nós não temos muitas negociações com eles, pelo menos nada que o possa preocupar diretamente. — O que levou à próxima pergunta de Jack.

— Sim, Sir Basil... mas qual irá ser exatamente o meu trabalho aqui?

— O James não lhe disse? — perguntou Charleston.

— Não exatamente. Ele gosta das suas surpresas, segundo me disseram.

— Bem, o Grupo de Trabalho Conjunto está focado principalmente nos nossos amigos soviéticos. Temos boas fontes, tal como as vossas. A ideia é partilhar informação a fim de melhorarmos a nossa imagem geral.

— Fala de informação, não de fontes — observou Ryan.

Charleston teve um sorriso de compreensão.

— Temos de protegê-las, como sabe.

¹⁰ Sigla de Ulster Liberation Army, ou seja, Exército de Libertação do Ulster, uma organização terrorista mencionada em *Patriot Games*, um romance deste mesmo autor. (*N. do T.*)

¹¹ Sigla de Provisional Irish Republican Army, ou seja, Exército Republicano Irlandês Provisional. (*N. do T.*)

Jack sabia disso. Na realidade, sabia muito pouco acerca das fontes da CIA. Esses eram os segredos mais bem guardados na Agência e, sem dúvida, ali também. As fontes eram pessoas verdadeiras e bater com a língua nos dentes era o suficiente para que fossem assassinadas. Os serviços de informação valorizavam as fontes mais pela informação que facilitavam do que pelas suas vidas (o negócio da informação era, apesar de tudo, um negócio), porém, mais tarde ou mais cedo, começavam a preocupar-se com elas e com as suas famílias, e também com as suas características pessoais. *Sobretudo a bebida*, pensou Ryan. Especialmente para os russos. O cidadão soviético comum bebia o suficiente para ser visto como um alcoólico nos EUA.

— Não há problema, Sir Basil. Não conheço o nome ou a identidade de uma única fonte da CIA nos EUA. Nem uma — enfatizou Ryan. Não era bem verdade. Não lhe fora dito, mas podia deduzir-se bastante com base na natureza da informação transmitida e do modo como ele, ou ela, citavam pessoas. Tratava-se geralmente de um «ele», contudo Ryan questionava-se acerca de algumas fontes. Era um jogo intrigante em que entravam todos os analistas, invariavelmente no recolhimento das suas próprias mentes, embora Ryan tivesse especulado algumas vezes com o seu chefe pessoal, o almirante Jim Greer. Geralmente, o vice-presidente avisara-o para não especular em voz muito alta, mas o modo como ele pestanejava duas vezes dissera mais a Ryan do que ele pensara transmitir. Ora, eles tinham-no recrutado devido às suas capacidades analíticas, e Ryan sabia-o. Eles não queriam que ele as pusesse em suspenso. Quando a informação transmitida se tornava um pouco embaraçosa, revelava que algo acontecera à fonte, como ter sido apanhada ou ter enlouquecido. — O almirante está, no entanto, interessado numa coisa...

— Que é...? — inquiriu o diretor-geral.

— Na Polónia. Parece-nos que as coisas se estão a degradar e nós estamos a pensar até que ponto, com que velocidade, e o que isso poderá provocar. Refiro-me aos efeitos.

— Nós também, Jack. — Basil anuiu pensativamente com a cabeça. As pessoas, especialmente os repórteres nos seus bares da Fleet Street, estavam a especular muito acerca disso. E os repórteres também tinham excelentes fontes, em algumas áreas tão boas como as dele. — Que pensa o James?

— Recorda-nos a ambos algo que aconteceu na década de 1930. — Ryan recostou-se melhor na cadeira e descontraíu-se. — Os United Auto Workers.¹² Quando organizaram a Ford houve problemas. Muitos problemas. A Ford chegou a contratar rufiões para dar cabo dos organizadores dos sindicatos. Lembro-me de ver fotografias de... quem seria? — Jack fez uma pausa para organizar as ideias.

¹² Trabalhadores Unidos da Indústria Automóvel, um dos maiores sindicatos da América do Norte. (N. do T.)

— Walter Reuther? Um nome assim. Nesse tempo aparecia na revista *Life*. Os ruínas estavam a falar com ele e com alguns outros fulanos (as primeiras fotografias mostram-nos a sorrirem uns para os outros, como fazem os homens antes de as coisas se descontrolarem) e depois começou uma luta. Dá que pensar na gestão da Ford... permitir que algo assim acontecesse em frente dos repórteres já é bastante mau, mas repórteres com *máquinas fotográficas*? Bem, isso é uma coisa mesmo estúpida.

— Pois, o Tribunal da Opinião Pública — concordou Charleston. — É bem real e a tecnologia moderna tornou-o ainda mais e, sim, isso causa problemas aos nossos amigos do outro lado do fio. Não sei se sabe, mas o canal de notícias CNN, que acabou de começar no seu lado do mar, poderá mudar o mundo. A informação tem o seu modo de circular. As intrigas já são suficientemente más. Não as podemos parar e elas têm um modo de adquirir uma vida própria...

— Mas uma imagem vale mesmo mil palavras, não é verdade?

— Quem teria sido a primeira pessoa a dizer isso...? Fosse quem fosse não era parvo. A coisa é ainda mais verdadeira em relação aos filmes.

— Presumo que os iremos usar...

— Vocês, rapazes, estão um pouco reticentes. Eu não estou tanto. É bastante fácil pôr o funcionário de uma embaixada a beber uma caneca de cerveja com um repórter, e talvez deixar transparecer uma estranha pista durante a conversa. Há uma coisa acerca dos repórteres, é que ficam agradecidos se lhes dermos uma história suficientemente bizarra e decente.

— Em Langley odeiam a imprensa, Sir Basil. E quero mesmo dizer *odeiam*.

— É um bocadinho retrógrado da parte deles. No entanto, creio que poderemos exercer mais controlo sobre a imprensa aqui do que vocês na América. No fim de contas, não é assim tão difícil ser mais esperto do que eles, pois não?

— Nunca o tentei. O almirante Greer diz que falar com um repórter é como dançar com um *rottweiler*. Nunca sabemos se nos vai lamber a cara ou dar uma dentada na garganta.

— Eles não são cães assim tão maus desde que os domesticemos convenientemente.

Os britânicos e os cães, refletiu Ryan. *Gostam mais dos seus animais de estimação do que dos filhos*. Ele não gostava muito de cães grandes. Um Labrador como o *Hernie* era diferente. Estes tinham uma boca macia. A Sally tinha saudades dele.

— Então, que me diz acerca da Polónia, Jack?

— Acho que a panela vai estar a ferver até a tampa saltar, e depois, quando o caldo se entornar, vai dar uma grande confusão. Os polacos nunca aderiram verdadeiramente ao comunismo. O Exército tem *capelães*, pelo amor de Deus. Muito dos agricultores operam por conta própria, vendendo presuntos e coisas

semelhantes. O programa de televisão mais popular que eles lá têm é o *Kojak*, até o passam aos domingos de manhã para ver se desviam as pessoas das igrejas. Isto mostra-nos duas coisas. A população gosta da cultura americana e o governo ainda tem medo da Igreja Católica. O governo polaco é instável e sabe-o. Permitir ao povo um certo espaço de manobra é uma boa tática, pelo menos a curto prazo, mas o problema fundamental é que eles têm um governo fundamentalmente injusto. Os países injustos não são estáveis, Sir Basil. Se bem que possam parecer muito fortes, estão podres por baixo.

Charleston assentiu pensativamente com a cabeça.

— Eu informei a primeira-ministra há três dias, em Chequers Court, e disse-lhe a mesma coisa. — O diretor-geral hesitou por momentos e depois decidiu-se. Levantou um ficheiro de um monte que estava na sua secretária e passou-lho.

Na capa lia-se ULTRASSECRETO. De modo que Jack pensou: *É agora que as coisas vão começar*. Questionou-se se Basil aprendera a nadar por ter caído no Tamisa e pensou que todos deveriam aprender do mesmo modo.

Ao abrir a capa, viu que aquela informação vinha de uma fonte chamada WREN. Este era polaco e, pelo aspeto do relatório, bem colocado e, o que ele dizia...

— Raios partam — observou Ryan. — Será que isto é credível?

— Completamente. Trata-se de um «cinco-cinco», Jack. — Com isso ele queria dizer que a fonte tinha uma classificação de cinco numa escala de cinco, por confiabilidade, e que a importância da informação relatada fora classificada do mesmo modo. — Você é católico, não é verdade? — É claro que ele já o sabia, estava apenas a fazer conversa.

— Tive os jesuítas no secundário, no Boston College e em Georgetown, e as freiras na St. Matthews. É melhor que o seja.

— Que pensa do vosso novo papa?

— É o primeiro que não é italiano em quatro séculos, talvez mais, e isso já quer dizer alguma coisa. Quando ouvi dizer que o novo papa era polaco, julguei que se tratava do cardeal Wiszybski, de Varsóvia... esse fulano tem o cérebro e o génio de uma raposa esperta. Sobre este não sabia patavina, mas, pelo que tenho vindo a ler, é um cidadão muito bem-conceituado. Um bom padre de paróquia, um bom administrador e muito astuto politicamente... — Ryan fez uma pausa. Estava a falar do pontífice máximo da sua Igreja como se de um candidato político se tratasse e sabia que haveria mais coisas acerca dele do que apenas o que acabara de dizer. Tinha de ser um homem com uma grande fé, com um tipo de convicções arreigadas que nem um terramoto poderia abanar ou quebrar. Ele fora escolhido entre pares para ser o líder e o porta-voz da maior Igreja do mundo, que, por acaso, também era a de Ryan. Era um homem muito destemido, um homem para

quem uma bala era um passaporte para sair da prisão, uma chave para a própria presença de Deus. E seria um homem que sentia a presença de Deus em tudo o que fazia. Não era alguém que se assustasse, nem alguém que virmos as costas ao que pensava que se deveria fazer.

— Se ele escreveu esta carta, Sir Basil, não a poderemos ver como um *bluff*. Quando é que foi entregue?

— Há menos de quatro dias. O nosso amigo quebrou uma regra ao entregar-no-la tão depressa, mas a sua importância é bem patente, não é?

Bem-vindo a Londres, Jack, considerou Ryan. Ele acabara de cair na sopa, num grande caldeirão, como aqueles em que costumavam cozer os missionários nas bandas desenhadas.

— Pois bem, foi reenviada para Moscovo, não é verdade?

— Foi isso que o nosso amigo nos disse. Assim sendo, Sir John, que tem o Ivan a dizer acerca disto? — E, com essa pergunta, Sir Basil Charleston acendeu o lume por baixo do caldeirão pessoal de Jack.

— Trata-se de uma pergunta multifacetada — afirmou Ryan, tentando escapar-se tão habilmente quanto a situação o permitia.

Não foi muito longe:

— Ele irá dizer-me qualquer coisa... — observou Charleston, olhando Ryan nos olhos.

— Muito bem, eles não vão gostar. Vão vê-lo como uma ameaça. A questão é se o vão levar muito a sério e se lhe vão dar muito crédito. O Estaline poderia ter-se rido disto... ou talvez não. O Estaline definiu a palavra «paranoia», não é verdade? — Ryan fez uma pausa e olhou através das janelas. Será que estava a ver uma nuvem de chuva? — Não, o Estaline teria agido, de algum modo.

— Acha que sim? — Charleston estava a avaliá-lo e Jack sabia-o. Era um pouco como as provas orais para o seu doutoramento em Georgetown. O tear de sagacidades e as questões requintadamente «bordadas» do padre Tim Riley... Sir Basil era mais civilizado do que o clérigo azedo, mas este exame não iria ser fácil.

— O Leon Trotsky não era uma ameaça para ele. O seu assassinio resultou de uma combinação de paranoia com pura mesquinhez. Foi uma coisa pessoal. O Estaline fez inimigos e nunca se esqueceu deles. Mas a presente liderança soviética não tem coragem para agir do mesmo modo.

Charleston apontou através da vidraça da janela para a ponte de Westminster.

— Os russos, meu rapaz, tiveram a coragem tenaz de matarem um homem mesmo ali naquela ponte, há menos de cinco anos...

— E foram acusados por isso — lembrou Ryan ao seu anfitrião. Fora uma combinação de boa sorte com um médico britânico muito esperto, e não teria

valido nada salvarem a vida daquele pobre diabo. Tinham, no entanto, identificado a causa da morte e a mesma não se devia a nenhum bandido de rua.

— Pensa que perderam algum sono por causa desse incidente? Eu não acho — assegurou-lhe Charleston.

— Mas parece mal. Eles já não fazem nada disso, pelo menos que eu tivesse tido conhecimento.

— Só no terreno deles, garanto-lho. Mas a Polónia, para os russos, é o «terreno deles», bem dentro da sua esfera de influência.

— No entanto, o papa vive em Roma, que *não* o é. Tudo se resume a saber se eles estão com medo, Sir Basil. O padre Riley, em Georgetown, quando concluí o meu doutoramento, disse-me para nunca me esquecer de que as guerras começam devido a homens assustados. Temem a guerra, porém, mais do que isso, temem o que possa acontecer se não iniciarem uma... ou tomarem uma ação equivalente, creio eu. De modo que as verdadeiras perguntas são, tal como eu disse, se irão dar muito crédito a essa ameaça e se acham que a mesma se trata de uma coisa séria. Sobre a primeira questão, não há dúvida, não me parece que estejam a fazer *bluff*. Quanto ao carácter, antecedentes e coragem pessoal do papa, não me parece que se trate de coisas para serem postas em causa. Assim sendo, a ameaça é bem real. A grande questão é como avaliar a magnitude da ameaça para eles...

— Continue — ordenou o diretor-geral, delicadamente.

— Se eles forem suficientemente espertos para o reconhecerem... Sim, Sir Basil, na posição deles, eu ficaria preocupado... talvez até um pouco assustado. Se bem que os soviéticos pensem que são uma superpotência, em pé de igualdade com a América e tudo isso, bem no fundo sabem que o Estado deles não é legítimo. O Kissinger deu-nos uma palestra em Georgetown... — Jack recostou-se mais na cadeira e fechou os olhos por instantes, para captar esse momento. — Foi algo que ele disse quase no fim, falando do carácter dos líderes russos. O Brejnev estava a mostrar-lhe um ou outro edifício oficial do Kremlin, onde o Nixon iria estar para a sua última cimeira. Estava a destapar as estátuas, mostrando como se tinham dado ao trabalho de limparem tudo, em preparação para a visita. Porquê fazer isso?, perguntei-me na altura. Quero dizer, é claro que têm empregados e pessoal da manutenção. Por que motivo mostrá-lo ao Henry? Terá de ver com um certo sentido de inferioridade, de insegurança fundamental. Continuamos a ouvir que eles têm três metros de altura, mas não me parece, e, quando mais sei acerca dos russos, menos formidáveis penso que são. Eu e o almirante temos discutido isto, de vários ângulos, durante os últimos dois meses. Eles têm um grande Exército. Os seus Serviços de Informação são de primeira qualidade. São *grandes*. Grandes ursos feios, como o Muhammad Ali costumava dizer, mas, como sabe, o Ali derrotou o melhor lutador que eles tinham, duas vezes, não é verdade?

— Isso é uma forma indireta de o dizer. Sim, sem dúvida, creio que esta carta os assusta. A questão é: será que os assusta o suficiente para que façam qualquer coisa? — Ryan abanou a cabeça. — Talvez sim, mas, de momento, não temos dados que cheguem. Se eles decidirem pressionar o tal botão, será que o iremos saber com antecedência?

Charleston tinha estado à espera de que Ryan atirasse a bola para o seu campo.

— Esperemos que sim, mas é impossível ter a certeza.

— No ano em que estive em Langley, a impressão que tive foi que o nosso conhecimento do alvo é profundo mas estreito em certas áreas, superficial e alargado em outras. Ainda tenho de encontrar alguém que se sinta confortável a analisar os dados... bem, isto não é inteiramente verdade. Alguns sentem-se confortáveis, mas as suas análises são muitas vezes, pelo menos para mim, pouco fiáveis. Como aquilo que obtemos acerca da economia deles...

— O James dá-lhe acesso a isso? — Basil estava surpreendido.

— O almirante deu-me livre acesso nos primeiros dois meses. O meu primeiro grau académico foi em Economia, no Boston College. Passei o meu exame de contabilista público certificado antes de ter embarcado com o Corpo de Fuzileiros Navais. Aqui chamam-lhe outra coisa. Depois, quando deixei a Marinha, dei-me bem no negócio dos títulos e das ações, antes de acabar o meu doutoramento e ter começado a ensinar.

— Quanto é que fez, exatamente, em Wall Street?

— Enquanto estive na Merrill Lynch? Oh, entre seis e sete milhões. Muito foi feito à conta dos Chicago and North Westerns Railroad. O meu tio Mario, o irmão da minha mãe, disse-me que os empregados iam comprar as ações e tentar pôr essa companhia de caminhos de ferro outra vez a dar lucro. Eu examinei a questão e gostei do que vi. Recebi, líquido, vinte e três vezes mais do que investi. Deveria ter investido mais, mas ensinaram-me a ser conservador na Merrill Lynch. A propósito, nunca trabalhei em Nova Iorque. Estava nos escritórios de Baltimore. De qualquer modo, o dinheiro ainda está investido em ações, e o mercado, de momento, parece-me bastante bom. Nunca sabemos quando é que vamos ganhar e ainda é um passatempo interessante.

— Certamente, se vir qualquer coisa prometedora, informe-me.

— Não lhe irei levar nada por isso, mas não lhe posso dar garantias — ironizou Jack.

— Não estou acostumado a isso, Jack, não neste maldito ramo. Vou colocá-lo no nosso grupo de trabalho sobre a Rússia com o Simon Harding. É um licenciado por Oxford e tem um doutoramento em Literatura Russa. Irá ver tudo o que ele vê... tudo menos as fontes de informação.

Ryan fê-lo parar, levantando as mãos.

— Sir Basil, eu não quero estar ao corrente dessas coisas. Não preciso disso e conhecê-lo iria manter-me acordado a noite toda. Só quero ter acesso aos dados por tratar. Prefiro fazer a minha própria análise. Esse tal Harding é um fulano esperto? — perguntou Ryan, deliberadamente de chofre.

— Muito. Se calhar, já viu o seu trabalho. Há dois anos, fez a avaliação pessoal do Yuriy Andropov.

— De facto li isso. Sim, era um bom trabalho. Deduzi que ele era psiquiatra.

— Ele leu muitos livros de psicologia, mas não o suficiente para ter um grau académico. O Simon é muito inteligente. A mulher é pintora, uma senhora adorável.

— Agora mesmo?

— Porque não? Tenho de voltar ao meu trabalho. Venha, eu acompanho-o.

Não era longe. Ryan ficou logo a saber que iria partilhar um gabinete ali, no andar do topo. Tal facto surpreendeu-o. Demorava-se anos a chegar ao sétimo andar em Langley, e, por vezes, isso significava ter de passar por cima de cadáveres. Alguém, especulou Jack, deveria ter pensado que ele era esperto.

O gabinete de Simon Harding não era muito impressionante. As suas janelas davam para o lado do rio a montante, principalmente para estruturas de tijolo, com dois ou três andares, cuja ocupação não era clara. O próprio Harding estava na casa dos quarenta, pálido, de cabelo claro, com olhos azuis da cor da porcelana chinesa. Tinha um colete desabotoado, a que em Inglaterra chamavam outra coisa, e uma gravata acinzentada. A sua secretária estava coberta de ficheiros, debruados com fita adesiva às riscas, o código universal para material secreto.

— Sir John, não é verdade? — inquiriu Harding, pousando o seu cachimbo de urze-branca.

— Chamo-me Jack — corrigiu-o o americano. — Não me cabe a mim pretender que sou um cavaleiro. Para além disso não tenho um cavalo nem uma armadura. — Jack apertou a mão do seu companheiro de trabalho. Harding tinha mãos pequenas e ossudas, mas os seus olhos azuis revelavam inteligência.

— Tome bem conta dele, Simon. — Sir Basil saiu de imediato.

Já havia uma cadeira giratória junto a uma secretária suspeitamente limpa. Jack experimentou-a. A divisão iria parecer-lhe demasiado povoada, mas não muito. O seu telefone tinha por baixo um encriptador para fazer chamadas seguras. Jack interrogou-se se funcionaria tão bem como os STU¹³ que tinham em Langley. O pessoal da sede das Comunicações do Governo em Cheltenham trabalhava de perto com a Agência Nacional de Segurança, e talvez se tratasse do mesmo conteúdo com uma embalagem de plástico diferente. Ele tinha de se lembrar que estava num país estrangeiro. Isso não seria assim tão difícil, esperava Jack. As

¹³ Sigla de Secure Telephone Unit, ou seja, Unidade de Telefone Segura. (*N. do T.*)

peessoas ali tinham um sotaque engraçado, embora o efeito dos filmes americanos e da televisão global estivessem, lenta mas inexoravelmente, a perverter a língua inglesa que ali se falava, aproximando-a da variedade americana.

— O Basil falou consigo acerca do papa?

— Sim. Aquela carta pode ser uma bomba prestes a explodir. Ele perguntava-se de que modo o Ivan iria reagir a ela.

— Todos nós nos perguntamos, Jack. Tem alguma ideia?

— Acabei de dizer ao seu chefe que se o Estaline fosse vivo talvez quisesse encurtar a vida do papa, mas isso seria um jogo muito arriscado.

— O problema, penso eu, é que embora eles sejam muito iguais entre colegas, no que respeita às suas decisões, o Andropov está em ascendência e poderá ser menos reticente do que os outros.

Jack sentou-se melhor na cadeira.

— Não sei se sabe, mas a minha mulher e os colegas dela do Johns Hopkins foram lá, há cerca de dois anos. O Mikhail Suslov tinha retinopatia diabética... ele já era muito míope... e eles foram até lá para o tratarem e para ensinarem aos médicos russos como seguirem os procedimentos. A Cathy na altura era apenas uma interna. Mas o Bernie Katz fazia parte da equipa. Ele é diretor do Wilmer.¹⁴ Um excelente cirurgião de oftalmologia e muito boa pessoa. A Agência entrevistou-o, juntamente com outros médicos, depois de terem regressado. Já alguma vez viu esse documento?

Havia agora interesse nos olhos de Simon.

— Não, é interessante?

— Uma das coisas que aprendi, por estar casado com uma médica, é a ouvir o que ela diz acerca das pessoas. E também o teria feito em relação ao Bernie. Vale a pena ler. Existe uma tendência universal para as pessoas falarem sinceramente com os médicos e, tal como disse, os médicos são bons a verem coisas em que a maioria de nós não repararia. Eles disseram que o Suslov era esperto, cortês, profissional, mas, bem no fundo, era o tipo de homem em quem não confiaríamos se tivesse uma pistola na mão ou, mais provavelmente, uma faca. Ele não gostou nada do facto de ter de recorrer a médicos americanos para lhe salvarem a vista. Não lhe agradou nada que não houvesse russos capazes de fazerem aquilo que ele necessitava. Por outro lado, disseram que a hospitalidade tinha sido de cinco estrelas, logo que acabaram a intervenção. De modo que não eram os bárbaros de que o Bernie, até certo ponto, estava à espera... Ele é judeu, de famílias polacas, ainda do tempo em que a Polónia pertencia ao czar, penso eu. Quer que peça esse relatório à Agência?

Harding balançou um fósforo sobre o cachimbo.

¹⁴ Instituto de Oftalmologia que funciona no Johns Hopkins. (*N. do T.*)

— Sim, gostava de ver isso. Os russos são muito peculiares, não sei se sabe. Em certos aspetos são muito cultos. A Rússia é o último lugar do mundo onde um homem pode ganhar a vida como poeta. Eles adoram os seus poetas e até admiro esse facto neles, mas, ao mesmo tempo... o próprio Estaline hesitava em perseguir os artistas... estou a falar dos escritores. Lembro-me de um fulano que viveu muitos mais anos do que seria de esperar... Mesmo assim, morreu no *gulag*. De modo que a civilização deles tem os seus limites.

— O Simon fala a língua deles? Eu nunca a aprendi.

O analista britânico anuiu com um aceno de cabeça.

— Pode ser uma ótima língua para a literatura, um pouco como o grego ático. Presta-se à poesia, mas mascara uma capacidade para o barbarismo capaz de nos fazer gelar o sangue. Em muitos aspetos são um povo relativamente previsível, especialmente nas suas decisões políticas, até certo ponto. A sua imprevisibilidade consiste em conjugarem o seu inerente conservadorismo com uma visão política dogmática. O nosso amigo Suslov está seriamente doente... suponho que devido à diabetes... mas o fulano por detrás dele, o Mikhail Yevgeniyevitch Alexandrov, combina partes iguais de russo e de marxista com a moral de um Lavrenti Beria. Ele odeia o Ocidente com todas as suas forças. Suponho que tenha aconselhado o Suslov (são velhos amigos) a aceitar a cegueira, em vez de ter de se submeter novamente aos médicos americanos. E se esse fulano, o Katz, é judeu, segundo disse, isso também não iria ajudar de modo algum. Não é um indivíduo nada simpático. Quando o Suslov morrer, daqui a uns meses, segundo pensamos, ele será o novo ideólogo do Politburo. Irá apoiar o Yuriy Vladimirovitch em qualquer coisa que ele deseje fazer, mesmo que isso signifique atacar fisicamente Sua Santidade.

— E acha que as coisas poderiam chegar a esse ponto? — perguntou Jack.

— Sim, muito provavelmente.

— Pois bem, essa carta já foi enviada para Langley?

Harding assentiu com um aceno de cabeça.

— O seu chefe de posto veio aqui buscá-la hoje. Espero que vocês tenham as vossas próprias fontes, mas não vale a pena correr riscos.

— De acordo. Sabe, se o Ivan entrar em exageros, ir-nos-á sair muito caro.

— Talvez, mas eles não veem as coisas como nós, Jack.

— Bem sei. No entanto é difícil imaginá-lo.

— Demora tempo — concordou Simon.

— Será que ler a poesia deles ajuda? — observou Ryan, pensativo. Ele apenas lera alguma, mas traduzida, o que não era o modo adequado de se ler poesia.

Harding abanou a cabeça.

— Nem por isso. É através dela que alguns deles protestam. Tais protestos

têm de ser suficientemente velados para que o mais obtuso dos leitores possa apenas deleitar-se com a liberdade lírica de expressão. Deve haver toda uma secção do KGB que analisa os poemas em busca de conteúdo político escondido, a que ninguém presta qualquer atenção até os membros do Politburo se darem conta de que o conteúdo sexual é demasiado explícito. São um bando de puritanos, não sei se sabe... Que estranho que é que tenham esse tipo de moral e não outra.

— Bem, não os podemos criticar por terem desaprovado *Debbie Does Dallas* — sugeriu Ryan.

Harding quase se engasgou com o fumo do cachimbo.

— Pois, não é exatamente o *Rei Lear*, pois não? Mas eles tiveram escritores como Tolstoi, Tchekhov, Pasternak.

Jack não lera nenhum deles, mas essa não era a altura para o admitir.

— ELE DISSE O QUÊ? — PERGUNTOU ALEXANDROV.

O ultraje era previsível, mas notavelmente contido, pensou Andropov. Talvez ele tivesse elevado a voz para uma audiência mais considerável, ou, mais provavelmente, para os seus subordinados no edifício do Secretariado do Partido.

— Aqui está a carta e a tradução — disse o diretor do KGB, passando o documento.

O ideólogo-chefe de serviço pegou nas folhas da mensagem e leu-as vagarosamente. Não queria que a sua raiva o impedisse de perceber cada cambiante. Andropov esperou, acendendo entretanto um *Marlboro*. Os seus convidados não tinham tocado na vodca que ele servira, notou o diretor.

— Este homem da Igreja está a tornar-se muito ambicioso — afirmou ele, finalmente, colocando os papéis na mesinha em frente dele.

— Concordo com isso — observou Yuriy.

Com espanto na voz:

— Será que ele se sente invulnerável? Será que não sabe que estas ameaças têm consequências?

— Os meus especialistas acham que as suas palavras são genuínas e não acreditam que ele não tema as consequências.

— Se o martírio é o que ele deseja, talvez lhe devêssemos fazer esse jeitinho... — O modo como a sua voz se interrompeu causou um arrepio, mesmo para o sangue-frio de Andropov. Estava na altura de um aviso. O problema com os ideólogos era que as suas teorias nem sempre tinham a realidade em consideração, um facto para o qual eles eram maioritariamente cegos.

— Mikhail Yevgeniyevitch, tais ações não deverão ser tomadas de ânimo leve. Poderá haver consequências políticas.

— Não, nem por isso, Yuriy, nem por isso — repetiu Alexandrov. — Mas sim,

concordo, o que fizermos como resposta deverá ser considerado em todas as suas dimensões, antes de tomarmos as medidas necessárias.

— Que pensa o camarada Suslov? Já o consultou?

— O Misha está muito doente — retorquiu Alexandrov, sem grande demonstração de pena. Tal atitude surpreendeu Andropov. O seu convidado devia muito a esse homem mais velho e doente, mas aqueles ideólogos viviam no seu pequeno mundo circunscrito. — Receio que a sua vida esteja a chegar ao fim.

Aquela parte não era uma surpresa. Bastava olhar para ele nas reuniões do Politburo. Suslov tinha o aspeto desesperado que víamos no rosto de um homem que sabia que o seu tempo estava a aproximar-se do fim. Ele queria endireitar o mundo antes de sair dele, mas também sabia que tal ato estaria para lá das suas capacidades, um facto que lhe chegara como uma surpresa indesejável. Será que ele finalmente se deu conta de que a realidade do marxismo-leninismo era um caminho falso? Andropov chegara àquela conclusão há cerca de cinco anos. Mas não era o tipo de coisa de que se falasse no Kremlin, não é verdade? Sobretudo com Alexandrov.

— Ele foi um bom camarada durante todos estes anos. Se o que me disse é verdade, iremos sentir muito a sua falta — notou sombriamente o diretor do KGB, genufletindo diante do altar da teoria marxista e do seu sacerdote moribundo.

— É mesmo verdade — concordou Alexandrov, desempenhando o seu papel tal como o seu anfitrião... tal como todos os membros do Politburo, porque assim era esperado... porque era necessário. Não porque fosse verdade, ou mesmo algo aproximado.

Tal como o seu convidado, Yuriy Vladimirovitch acreditava não porque acreditasse, mas porque aquilo em que ele *pretendia* acreditar era a fonte da questão real: o poder. O diretor interrogou-se sobre o que aquele homem iria dizer a seguir. Andropov precisava dele e Alexandrov também precisava *dele*, talvez até mais. Mikhail Yevgeniyevitch não tinha o poder pessoal necessário para se tornar secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Era respeitado pelos seus conhecimentos teóricos, pela sua devoção à religião de Estado em que o marxismo-leninismo se tornara, mas nenhum dos que se sentavam em torno da mesa acreditava que ele fosse um bom candidato a líder. O seu apoio seria vital para quem quer que tivesse essa ambição. Tal como nos tempos medievais, quando o filho mais velho se tornava o senhor da mansão e o segundo filho se tornava o bispo da diocese correspondente, assim Alexandrov, como Suslov em tempos, tinha de fornecer a justificação espiritual (seria esta a palavra certa?) para a sua ascensão ao poder. O sistema de pesos e contrapesos permanecia, só que ainda mais perverso do que antes.

— É claro que o camarada irá tomar o seu lugar na devida altura — sugeriu Andropov como promessa de uma aliança.

Alexandrov não ligou muito a esse comentário, como seria de esperar... ou fingiu não o ter ouvido.

— Existem muitos homens qualificados no Secretariado do Partido.

O diretor do Comité para a Segurança do Estado abanou a mão, desdenhosamente.

— O camarada é o mais velho e o mais confiável.

Algo que Alexandrov sabia muito bem.

— É muito simpático da sua parte dizê-lo, Yuriy. Assim sendo, que vamos fazer com esse polaco insensato?

E isso, tão desajeitadamente afirmado, seria o custo da aliança. Para obter o apoio de Alexandrov para se tornar secretário-geral, Andropov teria de disfarçar mais a coisa ao... bem, ao fazer algo em que ele já andava a pensar, de qualquer modo. Isso seria indolor, não seria?

O diretor do KGB adotou um tom de voz clínico e profissional:

— Misha, levar a cabo uma operação desta envergadura não é um mero exercício. Terá de ser planeada com todo o cuidado e rigor, e depois o Politburo terá de a aprovar com os olhos bem abertos.

— Deverá ter algo em mente...

— Tenho muitas coisas em mente, *mas* um devaneio não é um plano. Avançar requer pensar em profundidade e planeamento, para ver se uma coisa destas tem possibilidades. Um degrau de cada vez, com muito cuidado — avisou Andropov. — Mesmo assim, não há garantias ou promessas que possam ser feitas. Isto não se destina à produção de um filme. O mundo real, Misha, é complexo. — Foi o mais perto que ele pôde chegar para dizer a Alexandrov que não se desviasse muito da sua caixa de areia das teorias e brinquedos e que não entrasse no mundo real, onde existia sangue e consequências.

— Bem, o camarada é um bom homem do Partido. Sabe bem o que está aqui em jogo. — Com estas palavras, Alexandrov disse ao seu anfitrião o que esperava do Secretariado. Para Mikhail Yevgeniyevitch, o Partido e as suas crenças eram o Estado... e o KGB era a Espada e o Escudo do Partido.

Estranhamente, deu-se conta Andropov, este papa polaco também deveria sentir o mesmo acerca das suas crenças e das suas visões do mundo... Porém, essas crenças não eram, estritamente falando, uma ideologia, pois não? *Bem, para esses fins, poderiam muito bem ser*, disse Yuriy Vladimirovitch para si mesmo.

— O meu pessoal irá examinar isto com todo o cuidado. Não podemos fazer o impossível, Misha, mas...

— Mas será que existe alguma coisa impossível para esta agência do Estado soviético? — Tratava-se de uma pergunta retórica com uma maldita resposta.

E uma que também era perigosa, mais ainda do que aquele acadêmico se poderia aperceber.

Como eles eram parecidos, percebeu o diretor do KGB. Este homem, a beber confortavelmente a sua *Starka* castanha, acreditava absolutamente numa ideologia que não poderia ser provada. Que curioso estado de coisas. Uma batalha de ideias, em que ambos os campos se temiam mutuamente. Temiam? Que temeria Karol? Decerto não a morte. A sua carta para Varsóvia proclamava-o sem palavras. De facto, ele estava a gritar em voz alta pela morte. Ele *procurava* o martírio. *Por que motivo um homem procuraria tal coisa?*, pensou o diretor, por momentos. Usar a sua vida ou a sua morte como uma arma contra o inimigo. Sem dúvida que ele via a Rússia e o comunismo como inimigos; uma, por questões nacionalistas; a outra, por razões que se prendiam com as suas convicções... Mas será que ele *temia* esse inimigo?

Não, provavelmente, não, admitiu Yuriy Vladimirovitch para si mesmo. Isso dificultava a sua tarefa. A agência dele precisava do medo para ser bem-sucedida. O medo era a sua fonte de poder e um homem que não o tivesse era alguém que ele não conseguiria manipular...

Contudo, aqueles que ele não conseguia manipular poderiam sempre ser mortos. Quem, apesar de tudo, se lembrava de muitas coisas acerca de Leon Trotsky?

— Poucas coisas são verdadeiramente impossíveis, apenas difíceis — concordou o diretor, tardiamente.

— Então irá ver as possibilidades?

Ele acenou com a cabeça, cautelosamente.

— Sim, a partir de amanhã de manhã.

E foi assim que se iniciou o processo.